PQ 9697
.Z35 D5
Copy 2

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 100 932 9

PQ
9697
.Z35Ⅱ5
copy 2

THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class PQ9697

Book Z35D15

Copy 2

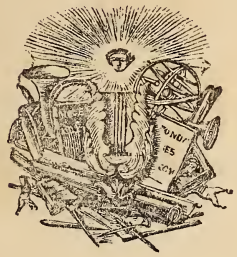
DORES E FLORES

DORES E FLORES

POESIAS

DE

Augusto Emilio Zaluar.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

Praça da Constituição n. 64.

1851.

copy 2

PQ9697
.Z35D5
copy 2

387270
'29

AMK 7 N 34

AO DOUTOR

FRANCISCO IGNACIO DE CARVALHO MOREIRA

OFFERECE

Em prova de sincera e franca amizade

O Autor.

A carta seguinte, e a resposta do Sr. D. Carlos Guido, servirão como de Prefacio a este livrinho. Tudo quanto se poderia dizer n'um prologo, os leitores o encontrarão n'esta correspondencia, sincera, franca, e escripta sem as pretenções da imprensa, e por isso mais expansiva e fervorosa do que qualquer outro genero de artigo, que pela sua fórma séria, de certo, de grande utilidade para uma obra d'arte, mas inopportuno n'este genero de escriptos. Publicâmos a carta do Sr. D. Carlos Guido no seu mesmo idioma, porque sendo escripta n'uma lingua, que tantas relações fraternaes tem com a nossa, está ao alcance de quasi todos os leitores, e conserva as bellezas da dicção e do estylo que lhe são proprias. Na primeira nota d'este volume damos ao publico uma das bellas composições do Sr. Guido, que por felicidade encontrámos entre os escriptos, que possuimos do mesmo autor.

CARTA DO AUTOR

AO

SR. D. CARLOS GUIDO Y SPANO.

Meu amigo.

Um laço de fraternal sympathia me prende a todo aquelle que, como vós, reune a um espirito illustrado os dotes do talento e do coração. Foi d'ahi que nasceu a sincera amizade, que vos tenho, que depois relações mais intimas estreitaram, e que existe hoje como uma necessidade para mim, para a minha alma, que precisa expandir-se no seio d'um amigo, que a entenda e console.

Ambos nós, longe da nossa terra natal, estrangeiros no meio d'este paiz de ferteis e grandiosas inspirações, não podiamos deixar de sentir no peito uma corda afinada pelo mesmo som. Em vós, traduz-se ella em cantos fecundos de poesia e de talento ; em mim, por debeis gemidos, que apenas se percebem e morrem ignorados, como a voz d'essas aves extranhas, que só Deos escuta, nas florestas virgens d'este novo mundo.

Essa corda mysteriosa, que vibra em nós, partindo d'uma mesma origem, mas tão variada depois em seus effeitos, é a que se afina pelas tristezas do desterro; que se tempera no baptismo das lagrimas do exilio; que se desperta pelo silencio das noites, na melancolia dos campos, na magestade dos mares, nas insomnias do leito e nas incertezas do destino. Patria, infancia, amigos, illusões, poesia, amor, tudo se resume para nós n'um passado, de que nos não resta mais do que o sentimento d'essa palavra consoladora e fatal, como a vista de terra ao naufrago que se afunda nas ondas, e que se chama—a saudade!

De saudades nasceram, pois, estes versos. Flores do sentimento, que vegetam na borda das campas; que se acoitam onde lhe vão verter uma lagrima, ou alimentar uma esperança além da vida, ¿ como aventural-as aos tufões da tempestade? Pobres e humildes, meu amigo, vão pedir-vos hoje, senão protecção, ao menos a franqueza do talento, que não condemna sem ouvir, nem absolve sem justificar.

Estes versos representam para mim a historia intima de bastantes dias de crueis decepções, de muitas horas de desalento, de muitos instantes d'amargura, que tenho soffrido, que soffre quasi sempre todo aquelle, que julga achar nos homens generosidade e franqueza, e só encontra n'elles o desengano e a ingratidão!

N'esses momentos d'incerteza, n'essas lutas do espirito e do coração, que se revolta contra uma sociedade, que o engeita, e lhe procura negar até o direito d'existir, procurei o ultimo abrigo que me restava; consolar-me eu proprio das minhas angustias. Comecei a querer traduzir então, n'estas palavras desalinhadas, n'estes periodos incorrectos, os

gritos agudos, que rebentavam da minha dôr, dos delirios febricitantes da minha paixão, dos soffrimentos incalculaveis da minh'alma, a quem o infortunio arrancava todos os dias uma esperança ou uma illusão, como a tempestade as folhas tenras do arbusto, que nasceu arraigado nas fendas do precipicio.

Os meus cantos são, pois, sombrios e pesados. Algumas flores, que ahi existem, são desbotadas. O sol da patria estava longe para as aviventar, o d'aqui era muito forte para ellas, queimou-as. Em vez de perfumes, desfizeram-se em cinzas.

Comtudo, mais do que uma alma generosa acolheu os meus gemidos como um écho da sua propria dôr; fraternisou as minhas agonias com as amarguras do seu proprio soffrimento.

Em vós, meu amigo, encontrei eu mais d'uma vez uma d'essas almas consoladoras. Saudoso poeta das margens ridentes do Prata, quantas vezes as minhas lagrimas humedeceram os vossos cantos repassados de sentimento e de inspiração, ao lembrar-me da minha pobre patria, do meu Tejo tambem, que não podia escutar se quer o impotente choro da minha saudade! Quantas vezes, perdido por esses matos floridos, ao susurrar da corrente, que estrepitava no fundo dos abysmos, evoquei, como vós, as sombras radiosas do passado, puras ainda, como essas virgens das florestas, que se levantassem coroadas de rosas de suas campas de flores! Quantas vezes invejei o facho do talento, que vos illumina o espirito, para desterrar com elle as trevas d'amargura, que me envolvem o pensamento! Mas os meus gemidos eram frouxos e vacillantes, como os derradeiros clarões d'uma lampada, que expira sobre um tumulo! Morreram ao solu-

çar dos prantos, como uma flor sobre a espuma das ondas, que o temporal açoita!

Hoje, ¿ que me resta de toda essa larga historia de soffrimento e desalento? apenas alguns cantos pallidos e desbotados, que em breve cahirão no olvido, se não acharem em vosso peito um consolo, que os avivente ao menos.

Foi no Brasil, a duas mil leguas distante de Portugal, que compuz a maior parte dos versos, que formam a presente collecção. Escrevi-os simples e naturalmente, como o coração os concebia, e o espirito os revelava. Não adoptei systemas, nem os classifiquei pela ordem das datas ou das impressões; deixei-os irregulares, sem uniformidade, tal e qual como os ia juntando, sem mais me lembrar d'elles, senão agora para vol-os entregar. Não me pronunciei por este ou aquelle genero; segui a todos, conforme a indole do assumpto, que procurava revelar. A musa de Victor Hugo não tem para mim maiores inspirações que a de Byron; a de Lamartine não merece maior culto que a de Petrarcha; nem a de Zorrilla tem maior encanto que a de Garrett. Amo todos, e não sei preferir nenhum. O genio tem a sua individualidade, que se não póde comparar. É como o sol, que rompendo sempre do Oriente, nasce do seio de Deos para allumiar todos os dias um espectaculo novo nas maravilhas do universo!

Dei o nome de Dores e Flores a estas poesias, porque julgo que este titulo representa d'algum modo os sentimentos que ellas exprimem. Por mais maguado e sombrio que esteja o coração humano, algum raio d'esperança lhe transluz de vez em quando, como para o advertir de que a Provi-

dencia não abandona quem alimenta a fé do passado e espera no futuro!

Meu amigo, se julgardes que estes versos merecem algum dia as honras da imprensa, eu terei então uma ambição para elles; é que alcancem atravessar as aguas do oceano, e vão ao menos confundir na patria os seus gemidos, com todo o coração portuguez, que chora, como eu, as desgraças do seu paiz, e que espera que no horisonte do futuro ainda se não apagasse de todo o astro das nossas glorias passadas, para o culto da intelligencia e da Liberdade.

Catete, 23 de dezembro de 1850.

A. E. Zaluar.

RESPOSTA

DO

SEÑOR D. CARLOS GUIDO

Á CARTA PRECEDENTE.

INGÁ, 1.° de Janero de 1851.

Como ya os lo hice saber, amable amigo, hace cosa de un mes que me he retirado á respirar el aire vivificante y puro de las montañas. Bien lo necesitaba: enflaquecido, enfermo, veia debilitarse mis fuerzas progresivamente, en la vida agitada y mal sana de la ciudad. Un regular egercicio, un alimento vegetal, un clima suave, mucho verde y muchas flores, vanme restituyendo poco á poco la perdida salud.

Fué pues en mi asilo campestre que recibí vuestra carta á que solo hoy pude contestar, y las poesias que la acompañan, elocuentes mensajeras de vuestros ensueños de poeta, de vuestro ingenuo sentir.

Muy grato es á mi corazon haberos inspirado una simpatia que sabeis traducir en tan expresivos conceptos, la cual me lisonjeo en corresponder sincera y cordialmente. Una amistad como la vuestra es demasiado preciosa para no conservarla en todo el brillo de su desinterés y su pureza. ¡Pero cuanto os engaña el sentimento que ella os dicta con respecto a mi! Mas elevado cuanto mas modesto, me atribuis meritos que estoy mui lejos de alcanzar; habeis tomado los desahogos de una alma joven, dolorida, fogosa, por las inspiraciones de la reflexion y del talento. Engañado anduvisteis, amigo, al juzgarme con tan singular indulgencia. Apenas si con Joubert podria deciros, que soy como una harpa eolica, que dá algunos sonidos melodiosos, pero que no egecuta ningun *aire*.

Sinembargo, esa cuerda misteriosa de que me hablais, que se afina y se templa á todas las armonias de la naturaleza, á todo lo que es dulcemente melancolico o fuertemente sentido, que canta, que llora, que recuerda y que ruega en nosotros — teneis razon — esa cuerda asi como en vos, existe en mi. Yo la siento vibrar y estremecerse, pintarme las auroras tan frescas y tan bellas de la primavera de la edad, enardecer la memoria augusta de la patria, evocar como las sombras de un sepulcro, á mis desvanecidas ilusiones, que cruzan por mi mente, tristes, mustias y palidas, á manera de rosas blancas arrebatadas por el viento.

Esas sombras vaporosas y leves, esas flores sin color y sin aroma, pasan ante mi sin dejarme otra señal de su existencia transitoria y fugaz, que el suspiro que arrancan á mi pecho y la lagrima que abrasa mi megilla. Empero, vós supisteis dar cuerpo á las primeras, y de las segundas for-

mar un ramillete simbolico de vuestras ilusiones perdidas, de vuestras esperanzas renacientes, de vuestros martirios secretos, de vuestro amor immenso por lo bello, lo grande, lo sublime, de vuestras pasiones exaltadas y nobles, de vuestra fé fortificante, que os hace doblar humilde la rodilla en los momentos de angustia ante el supremo consolador de todos los dolores y abrazaros sollozante y compungido con el sacro madero.

Mucho habeis sufrido, muchos rayos han ido dejando sin sombra el arbol de vuestra vida; pero aun puede retoñar si la amistad lo cultiva y el amor lo ampara con sus alas. Bebisteis el caliz de amargura, y como el filosofo ateniense, no desconfiasteis nunca de la divinidad. La amable poesia vino á consolaros en vuestras penas y escribisteis con lagrimas los blandos himnos que modulaban vuestros labios. Un joven y habil escritor de vuestro pais lo ha dicho «es en medio de las tribulaciones de la existencia, que el genio se exalta y se idealiza: el corazon, asi como ciertos metales, solo puede purificarse por las llamas». El vuestro ha ardido en la pira del sufrimento y se ha exhalado en perfumes; sus irradiaciones son la purisima lumbre que centellea en vuestra frente palida. Pobre amigo! cuantos tormentos, cuantos desengaños, que desencanto esteril de las mejores esperanzas!! Asi van nuestros dias aumentando el funebre cortejo de los pesares, que marchitan los rosales del camino, sostituyendolos por el ciprés de los túmulos.

Mucho habeis llorado, mucho habeis perdido, mucho teneis aun que sufrir, huesped melancolico en el festin del extrangero. El cielo de la patria tiene un rocio vivificante y una luz amiga, que penetra suave las tinieblas del infortunio. El

de climas estraños á nuestra cuna, ¿ que importa que no lo empañen nubes? Su misma serenidad parece burlarse de las borrascas de nuestro destíno; las flores que germinan bajo su pabellon azul tachonado de estrellas, jamas adornaran nuestra cabeza; ofuscanos el esplendor de sus dias en medio de la oscuridad de la suerte; sus noches son un paño funerario que nos enluta la sien, agoviada al seno en las horas del silencio y de la meditacion, por las memorias apetecidas y tristes de nuestros lares abandonados.....

Y yo tambien, romero del Plata, vago lejos de las playas argentinas, desconocido y solitario. Vós lo sabeis, si yo recuerdo los lugares de mi nacimiento, vós, que á su solo nombre habeis visto incendiarseme la mirada, humedecerse mis pupilas, trabarse mi voz en la garganta. Distantes ambos de nuestras margenes queridas, una identidad de situacion acerconos y la simpatia de una ausencia comun, vino á apretar los vincúlos de nuestra naciente amistad. Fué en nuestras mutuas expansiones que os he mostrado algunas efimeras poesias de mi composicion. En la manera por que me hablais de ellas, bien se echa de ver que el amigo ha suplantado al critico. Con todo yo os agradezco vuestro juicio, por que lo sé sincero. El podria estimularme á procurar un ramo de laurel, si mi deseo, mi ambicion, mi voto unico, fervoroso, intimo, no se hubiera reducido al que hacia Lord Byron repitiendo « Seame dado el dormir donde despetaronse mis esperanzas ». Este voto por mas humilde que sea no siempre se puede ver cumplido. El misterio con que se nos llega la muerte, hace que andemos desapercebidos á recibirla, sorprendiendonos no pocas veces lejos de nuestros hogares. Esta idea, con mas ra-

zon asalta al que se halla de ellos apartado, que aquel mas felice que se calienta junto á su dulce calor. ¡ Quien sabe, amigo, la suerte que nos está reservada ! por mi parte, y perdonad lo triste de mis palabras, si aconteciese que hubiesen de finar mis dias bajo un cielo que no sea el mio, aun asi mismo quisiera ofrecer el tributo de mis despojos á mi pais natal. La tierra una vez que nos cubre con su manto de verdura, segun una reminiscencia que en este instante me ocurre, no tarda en asimilarnos á su propia substancia; entónces nos reproduce bajo formas graciosas y nuestras cenizas se transforman en flores sobre nuestra tumba; puedan las que hayan de nacer en la mia ser ofrecidas en los altares de la patria! Cuentan las tradiciones de Lesbos que la cabeza y la lira de Orfeo despedazado por las mugeres de la Tracia y arrojado al Hebro, llegaran un dia á sus riberas floridas, repitiendo el dulce nombre de Eúridice; el de mi patria, la Niobe americana, será el ultimo que pronuncien mis labios, y que suspirará mi sombra cuando divague al fulgor de las estrellas por lo dilatado de sus campos.

Os conozco demasiado para contar con vuestra indulgencia al dár asi esparcimento y solaz a mis impresiones mas vehementes.

Vamos ahora al objeto principal de vuestra carta; quereis saber mi opinion, sobre *si vuestras poesias merecerán alguna vez los honores de la imprenta* y me pedis *la franqueza de quien no condena sin oir, ni absuelve sin justificar.* No mi escaso talento, sino mi corazon tendrá parte en este juicio. Las obras del poéta no pueden medirse al compás de las proporciones geometricas, si bien es cierto que deben sujetarse á las reglas imprescriptibles de la naturalidad y del

* * *

buen gusto. Cualquiera otro metodo que se emplée en analizarlas que no sea el de la imaginacion y del alma, será mezquino y vicioso á mi entender. El pensamiento, cuando es bello en si mismo, no necesita de un molde convencional para ostentar sus galas. El Júpiter Olimpico de Phidias ó la Vénus de Praxitéles, serian tan admirables en los templos de Atenas, como en las galerias de Roma. La verdadera, la unica fuente de poesia está en el sentimento. Esta cadena electrica del hombre para com los demas hombres y para con la divinidad, esparce en las producciones del ingenio, un calor, un atractivo, un encanto, un arrebato, que no bastarian todos los poemas didacticos del mundo á poder minorar. Es pués por el sentimento y la fantasia que he de juzgar vuestros versos.

El eco de estos montes ya los ha repetido muchas veces. Yo los he recitado en voz alta al ir por la tarde á perderme en los bosques, ó descendiendo á contemplar el mar desde alguma roca esteril, azotada por sus ondas azules. El zuzurro de las hojas blandamente acariciadas por las auras vespertinas, el melifluo gorgeo de las aves acogiendose al nido oculto en las enredaderas ó suspensos á las acacias en flor, el fragor de las olas al quebrarse contra las peñas de la orilla, son el acompañamiento mas apropiado que pudiera procurar a vuestras composiciones, tan puras, tan tiernas, tan llenas de lagrimas.

La noche á veces me ha sorprendido con vuestro manuscrito de que aún procuraba descifrar algunos pensamientos al silencioso resplandor de la luna, *per silentia lunæ*. Despues retirabame á mi habitacion á paso lento, debil como aún estoy, bajo la impresion benefica de vuestro acento

melodioso. — Em la somnolencia agitada y nerviosa de mis noches; escandecida la mente, resonando en mi oido como las armonias de um templo solitario y remoto la grata entonacion de vuestros cantos; sintiendo aún esas palabras modestas y penetrantes, en que esperais de mi los consuelos de la amistad para vuestra alma y uma espresion franca para esos versos en que se retrata dilatandose, presentabanse á mi imaginacion mil imagenes, mil recuerdos que á manera de relampagos lucian y apagabanse, y, como uma analogia misteriosa y remota, figurabaseme ver la grande figura de Sócrates, soñando en visperas de recibir á Platon por su discipulo que un cisne venia á reposarse en su seno.

Ja se deja de notar cúan impresionado fui por la lectura de vuestros lindos versos. Muchas bellas ideas, comparaciones felices, facilidad de rima y de metrificacion, armonia, fluidez y ese como velo de tristeza que les realza los naturales atavios, tornalos á mi entender dignos asaz, de ser presentados á vuestros compatriotas como um tributo de vuestro talento. No obstante, no debo ocultaroslo, en el fuego de la inspiracion habeis á veces descuidado demasiadamente la forma, forzado el idioma y vuestro pensamento no siempre sale como Minerva de la cabeza de Jupiter, es decir, *todo armado*. Este juicio lo doy con tanta lisura como desconfianza. La primera vez que nos veamos discutiremos detenidamente, si os place, las observaciones que de buen grado estoy dispuesto á haceros. Si no las hallareis justas, podreis combatirlas; no siendo extraño que me convencieseis de haber sido demasiado severo sobre algunos puntos. Persuadome que corrigiendo um tanto vuestras poesias, limandolas, meditandolas mas, llegareis á

darles ese pulimiento, esa perfeccion, esa difícil facilidad que enseñò Boileau á Racine.

Um poco de paciencia y de trabajo; esto solo bastaria á que formaseis um libro que fuese la aureola de vuestro nombre. Hacedlo yo os lo pido, en favor de las letras portuguesas y de vuestra reputacion que me es tan cara. Continuad cultivando las envidiales dotes de corazon y de inteligencia com que os ha condecorado el cielo.

Os quejais de la sociedad; los hombres han sido injustos para con vós, apurasteis hasta las heces la copa acerba de la ingratitud y el desengaño. En buen hora, erguid la inspirada cabeza y marchad altivo y sereno por entre los escombros y las rocas. Vuestro destino está en oposicion con el espiritu de nuestro tiempo irreligioso, especulador, material. ¿Como quereis no veros contrariado en vuestra marcha, combatido en vuestros sentimentos? Resignaos y llorad—á cada lagrima del poeta una rosa germina, jardinero que pasa su vida sembrando las flores que si no le coronan, nacen embalsamadas é inmortales sobre su lecho de tierra. Empuñad vuestro bordon de peregrino, cojed el doliente instrumento de doradas cuerdas, afinadlo á las tempestades del cielo y á las que os agitan el álma, a las delicias del mundo, ó á los deleites de vuestros instantes de ventura. Qué á vos los desiertos, los precipicios, ni la muerte? Los primeros se atraviesan si hay constancia y fortaleza; los precipicios no infunden pavor al varonil corage; la muerte es apenas un leve sueño, un estorpecimiento de nuestras facultades fisicas, para quien siente que en su seno vive y se agita un espiritu inmortal. Cultivad el arte de Homero con un amor inestinguible, y que vuestros cantos resuenen á las

orillas del Tajo, mas dulces que el de los cisnes de Meonia ó el de los que se deslizaban en tiempo de Pericles, entre juncos y laureles rosas allá en la linfas del Eurotas.

Vuestra ambicion para los que ya teneis preparados es tan elevada, que por si sola bastaria á que se disculpasen sus defectos si por ventura los tuvieren, Quereis para ellos que atravesando la immensidad de los mares vayan a confundir sus lamentos con los corazones portugueses, que lloran las desgracias de su pais; con aquellos « que esperan que en « el horizonte del futuro, el astro de las pasadas glorias « lusitanas aun no se apague del todo para el culto de la « inteligencia y de la libertad. » ¡ Nobles y sentidas palabras! La inteligencia y la libertad, sabeis amigo, que son las divinidades que yo adoro. Mi voto mas intimo seria que el universo entero les erigiera altares. No se conoce la grandeza del destino de la humanidad, sino en la esfera de una accion libre de nuestros derechos civiles y politicos y en el cultivo sim restriccion del pensamiento y del alma. Oponerse al egercicio sin trabas de aquellos, pretender encadenar el pensamiento, es rebajar nuestra naturaleza, herir de muerte á la sociedad, tornarse culpable del mas horrendo de los crimenes. Yo os acompaño pues en vuestros fervientes deseos por la prosperidad de vuestro pais. Aun digo mas, espero firmemente que ellos seran cumplidos. El cadaver del viejo y glorioso Portugal aún infunde admiracion y respeto. Una generacion llena de patriotismo y de genio, creció en torno del postrado guerrero, y poniendole la mano sobre el pecho, segun la bella espresion de Lopez de Mendoza, gritó á la multitud; « todavia palpita! » En vano una voz lugubre y profunda repetia á esos hombres gene-

rosos identicas palabras á las del córo en las « Troyanas » de Euripides « oh mis hijos vuestra patria se ha transformado en un desierto ! Ellos estaban alli, como las palmeras que crecen en los escombros de Alejandria ò en los paramos solitarios de Idumea. Eran como las columnas del templo de Minerva que aun pudieran sostener la portentosa fabrica consagrada a la diosa de la sabiduria, y que el viagero distingue al dejar las costas de la Grecia, erguidas en la extremidad del cabo Sunium.

Sus esfuerzos no seran improficuos. Una nacion no es muerta, sino cuando el despotismo ha embrutecido á los hombres, cuando el escepticismo envenena las lagrimas del pobre y no pone valladares con sus doctrinas disolventes á los desordenes del poder y del orgullo. En Portugal existe todavia el germen de las virtudes civicas en el pueblo y el fuego sagrado de la inteligencia. Sed vos uno de los sacerdotes que lo conserven — y al volver á vuestra patria con la experiencia del destierro, ungido por el infortunio, llevando á presentarle como un homenage de vuestro amor por ella, el libro perfumado de vuestras poesias, yo os diré humilde desde el fondo de mi oscuridad, lo que algunos griegos viendo pasar a Mr. de Chateaubriand «BATA KAIA EIS PALOEO ATHINAM.» Buen viage á las ruinas de Atenas!

Carlos Guido y Spano.

Ce livre n'est point un livre, ce sont des feuilles détachées et tombées presque au hasard sur la route inégale de ma vie.

LAMARTINE.

AO DEIXAR PORTUGAL.

Sur vos rives la liberté
Ainsi que la gloire, est proscripte ;
Je pars, je les suis, et je quitte
Le beau ciel qu'elles ont quitté.

C. Delavigne. – *Messeniennes.*

Como o cysne moribundo,
Nas verdes ribas do Eurotas,
Ergue do seio profundo
As melodias ignotas,
Em sons d'amor abrazados,
Partidos de mil gemidos,
Frouxamente desprendidos
Em suspiros maguados;

Assim meu extremo canto
Debil e fraco lamento,
Volve-me a vida um momento,
Que n'outro m'a rouba o pranto;
Tece de pallidas flores
A derradeira capella,
Presa com volta singela
Á lyra dos meus amores.

Adeus extremo! arrancado
D'alma soluçando afflicta;
Em cada strophe inspirado
Por uma dôr infinita;
Triste adeus da campa á beira,
Ao berço os olhos volvendo,
Aos pais, que ficam gemendo,
Quasi á minha vida inteira!

A vaga amante que chora
Em tremedaes pura rosa,
Orvalhos de santa aurora
D'alma de virgem formosa!
Adeus extremo que encerra
Toda a funebre tristeza,
Com que minh'alma vai presa
Ao solo da minha terra!

Terra minha idolatrada!
Rios, montes verdejantes,
Onde a selva perfumada
Acolhe as rolas amàntes;
Terra de magos segredos,
De ennamorados desejos
Onde se escutam os beijos
Que as ondas dão nos rochedos,

Tudo vou perder em breve!
Quem perde o berço e a amante
Perde tudo! Um nome escreve
Na terra que busca errante:
Esse é o *desterro!* Embora
Outra luz lhe banhe a fronte,
Lhe sorria outro horisonte,
Quando a saudade o devora!

Minha patria, eu sou teu filho!
Como—oh! como heide esquecer-te?
Embora te offusque o brilho
Quem procura invilecer-te;
Embora Cains ultragem
Os meus irmãos perseguidos:
¿Hão-de os idolos fingidos
Derrubar de Deus a imagem?

Não; que já vem despontando
Como alvor de madrugada,
Os montes todos dourando,
C'roando a serra elevada,
A aurora da liberdade!
Combatem nações e povos
Contra esses barbaros novos,
Em nome da humanidade!

Hoje vou deixar-te escrava,
Terra da minha tristeza!
Vou na senda rude e brava
Cortar os pés na devesa!
Pedir o pão d'estrangeiros
N'outros climas—n'outros mares,
Sentar-me á porta dos lares
Dos tectos hospitaleiros!

Corre-me o pranto... desfia
Solto em bagas pelo rosto!...
Que negra melancolia!
Ai! que profundo desgosto
O coração comprimido
Retalha dentro do seio!...
Outra dôr igual, não creio,
Se tenha nunca sentido!

Nem d'esse Bardo do Sena
O Jocelyn inspirado,
Soffria tamanha pena!
Era como eu desgraçado!
Cada marco, onde pousei,
Foi-me de espinhos um leito!
Nova dôr rasgando o peito,
E nova cruz onde orei!

Quando os prantos traduzissem
Tudo quanto est'alma sente;
¿ Onde achára os que exprimissem
Esta agonia pungente?
¿ Este gemido, este grito,
Que n'um suspiro rebenta,
Que me a vida desalenta,
Como o peso d'um delicto?

Seja este adeus suffocado
Pelos prantos d'amargura,
Todo o poema inspirado
Pela minha desventura!
Vou partir, oh! patria, adeus!
Adeus amigos e mãe!
Meu pae! amante tambem!
Doces lembranças dos meus!

Vou na immensa soledade
Por esse abysmo das aguas,
Sentir crescer a saudade
Ao choro das minhas maguas.
Adeus! Qual ramo perdido
Não fiques, meu solto canto;
Hoje banhado de pranto,
Mas amanhã esquecido!...

Bordo do brigue *Experiencia*,
28 de novembro de 1849.

CAMÕES E A PATRIA.

A FRANCISCO PALHA

POETA PORTUGUEZ.

. . . . *Patria, ao menos,*
Juntos morremos! E expirou co'a patria.

GARRETT.—*Camões.*

Peregrino, sê bem vindo;
Quem teus passos encaminha?
' A saudade, linda virgem,
Saudades da patria minha! '

Donde vens? ‘ De longes terras! ’
Tua familia? ‘ Morreu. ’
E uma lagrima ao romeiro
Dos olhos se desprendeu.

Triste sorte a do proscripto
A vagar em terra estranha!
‘ E dentro d'alma a saudade,
E que saudade tamanha! ’

Mas diz-me qual é teu nome?
‘ Sou Camões. ’ Disse a gemer.
E que procuras agora?
‘ Um abrigo p'ra morrer! ’

Achaste-o, pois, Bardo!
Vem, abraça-te comigo!
Vem, que juntos morreremos,
Que a Patria morre comtigo!

Lisboa.—184....

JERUSALEM.

A DON CARLOS GUIDO Y SPANO.

Eil-a em face de vós, a miseranda
Jerusalem !

KLOPSTOCK.—*Messiada.*

I.

No pó d'antigas ruinas,
Ao som de funda corrente,
Jaz tombada, impenitente,
A muda Jerusalem !
Cavam-lhe rudes montanhas
A gigante sepultura ;
Véo d'eterna noite escura
Tolda-lhe os montes d'além !

Vasto sepulcro, que encerras
De tredos crimes a historia;
Conservas quente a memoria
Das sumidas gerações!
Embora o vento revolva
Tuas cinzas dispersadas,
Ellas surgem abrazadas
Nos ardentes turbilhões!

Dorme no involto sudario
Do gelado esquecimento!
Gemidos te acorda o vento
Pelas quebradas do val'!
Crusam-te as negras cavernas
As chammas, que o raio accende,
Quando em furias se desprende
Das nuvens do temporal!

Dorme, cidade blasphema,
Na tua campa maldicta!
Tens por epitaphio escripta
A sentença dos Judeos!
As tuas pedras tisnadas,
As columnas abatidas,
Dizem no chão revolvidas:
« Cruxificaste o teu Deus! »

Dorme o teu eterno somno,
Negra ossada carcomida!
Sobre as margens estendida,
Mumia d'humano cinzel!
Dorme, até que a mão dos sec'los
Da terra teu nome apague,
E teu phantasma só vague
Nos sonhos de Daniel!

Dorme teu somno de trevas!
Foste, oh! impia, condemnada
Pela colera inflammada
De tremenda maldição!
Dorme, que já não escutas,
Nem os sonhos te interpreta
A mente audaz do propheta,
Aos lamentos do Jordão!

II.

Os seculos rolaram como as vagas
Do sussurrante mar d'encontro ás praias,
As gerações afflictas revolvendo
No pelago da vida!

As cidades, os templos, reis e povos,
As batalhas, triumphos e victorias,
Lá foram confundir-se, e o riso e o pranto,
No pó do esquecimento!

Larga historia manchava já de crimes
Da existencia humana os breves dias!
O ferro de Cain passou defeso
Ás mãos da humanidade!
Do sangue o instincto fascinava os homens;
Os odios e as paixões se conglobavam:
Eram chymeras, a virtude e a honra,
O vicio tinha altares!

O Christo veio então remir os povos!
Arrastado na senda d'amargura,
Coberto das affrontas e do escarneo,
Morreu crucificado!
E do cimo da cruz inda pendente
De seus labios palavras derradeiras
Ordenavam, que como irmãos se amassem
Os seus proprios algozes!

Mas a raça proscripta inda vagueia,
D'um polo a outro polo caminhando;
Do sul ao norte divagando incerta,
Sem patria e sem abrigo!

E os arbustos das campas se intrelaçam
No derrubado altar;—e nas pilastras
Dos templos abatidos, que só restam
Da cidade do crime!

III.

Verbo do Christo! Fecundo
Germinaste entre as nações!
Surgiu d'um mundo outro mundo,
Como um astro pudibundo
Das sidereas convulsões!

As gotas do sangue puro
Das tuas chagas abertas,
Foram caminho seguro
Desses homens do futuro,
Nas suas visões incertas!

Quero tambem penitente,
Por esta quadra sombria,
Entoar n'harpa do crente
O meu cantico, fremente
D'agreste, rude harmonia!

Murmurem aguas da fonte
Vozes d'um peito contricto!
Ouçam-me as grimpas do monte
A toldar-se no horisonte
Té aos seios do infinito!

Se de novo atroz o crime
A terra agora povôa;
Os bons derruba e opprime!
Christo! teu verbo sublime
Não olvides—e perdoa!

Alça outra vez no calvario
O Pharol da Redempção!
Mostra aos povos o sudario!
Abre as portas ao sacrario
Da Evangelica missão!

Pobre filho do peccado,
Quero unir ao peito a cruz!
Espero ser perdoado;
Quero morrer abraçado
Com a crença de Jesus!

Quaresma de 1850.

HARPA QUEBRADA.

(Imitação).

Tu, de quem as tristes cordas
Tem nas selvas repetido
Echos da minha saudade,
Da minha dôr o gemido,

Tua voz é muda oh! harpa!
Mortos são teus doces cantos!
Acordar-te busco embora
Com meus ais—e novos prantos.

As trevas o ceo me toldão!
E o pharol que me guiou,
Que me dava luz e vida,
Com teus cantos se apagou!

Tudo perdi quanto amava!
E o coração lacerado,
Bem depressa oh! harpa qu'rida,
Como tu será quebrado!

Novembro de 1850.

NINGUEM!

Fr. Jorge.
Romeiro, romeiro, quem és tu?
Romeiro.
Ninguem!
GARRETT.—*Fr. Luiz de Sousa.*

Quem sou eu? phantasma errante
Em solitario penar!
Vaga sombra vacillante,
Que apparece n'um instante
Para nunca mais voltar!

Sou uma folha que o vento
Sobre o chão amarellece;
Uma luz no pensamento,

Que brilha por um momento,
E n'um outro desfallece!

Poeta, que soffro e choro,
Entre o sepulchro e a cruz!
Que meus tormentos devoro;
E de joelhos imploro
Aurora d'ignota luz!

Viajante triste, incerto,
Longe da patria e dos lares;
Perdido n'este deserto
Chamado mundo;—e aberto
A seus lubricos cantares!

Homem de fronte abatida,
Sem alento, e sem esp'rança;
Descrendo da propria vida,
Como sombra perseguida,
N'um brinquedo de criança!

Alma cortada ás torturas
De loucas frageis paixões
N'um pego de desventuras,
Vendo hoje maguas escuras,
No que eram d'antes visões!

Um sonhador do passado,
Sem existir no presente;
Lendo n'um livro rasgado
Tanto sonho desejado,
E perdido de repente!

Sou um quebrado instrumento,
Que perdeu toda a harmonia!
Ruinas d'um monumento
A quem o tufão cruento
Rouba uma flor cada dia!

Sou a relva dos finados,
Que pisa um pé distraido;
Quando os cedros elevados,
E os salgueiros debruçados
Soltam lugubre gemido!

Sou uma vaga desfeita!
Uma praia sem abrigo!
Uma planta que se engeita...
Alma pela dôr sujeita
A concentrar-se comsigo..

Que busco? Que mundo habito?
Quem sou eu?—Que importa quem?
Sou um trovador proscripto,
Que trago na fronte escripto
Esta palavra:—*Ninguem!*

LAGÔA.—Março de 1850.

MYSTERIO.

Quien en lóbrega mazmorra,
Reina de las azucenas,
Al son de duras cadenas,
Del dolor,
Pudiera cantar tu nombre,
Sin tener mas luz ni gloria,
Que la placida memoria
De tu amor!

D. JUAN AROLAS.

N'uma rede voluptuosa,
Preguiçosa,
Uma virgem se balança
A' sombra d'uma palmeira,
Que fagueira,
Se veste de verde esp'rança.

No curvo braço apoiava,
Recostava,
A face languida e núa;
Nos cabellos dispersados,
Namorados,
Brincavão raios da lua.

Doce brisa vacillante,
Inconstante,
Affastava com receio
O véo de candida alvura,
Que procura
Acalmar ondas do seio.

Era a rede matisada,
E adornada
De pennas de vivas cores;
Parece a virgem formosa
Uma rosa
Adormecida entre as flores!

Ao longe, o som da cascata
Lhe retrata
Um écho de tristes queixas;
Doce, qual cantar distante
D'um amante
Soltando ternas endeixas!

Scismava a virgem, scismava,
E alongava
Os olhos ao firmamento!
Quem sabe? da noite os lumes,
Se em perfumes,
Lh'ardião no pensamento?

Quem sabe, se nos espaços
Via os braços
D'um anjo, que lhe dizia:
Deixa o mundo sem conforto,
Tens o porto
Cá no reino d'harmonia?

Quem sabe, se quando amenas,
E serenas,
Vagavam nuvens no ar;
Julgava ver duvidosas,
Vaporosas,
Brancas sombras divagar?

Quem podera dizer onde,
Se lhe esconde,
A phantasia abrazada?
Que mysterios lhe revella,
Cada estrella,
Scentillando desmaiada?

Que voz intima exhalava,
Lhe fallava
Suspirando a natureza ?
Que concertos d'harmonia,
Repetia,
N'essa ineffavel tristeza?

Mas a virgem, do balanço
No remanso,
Os lindos olhos cerrou;
E um doce *nome* querido
Foi ouvido,
Que sonhando murmurou!...

Rio de Janeiro — 1850.

SILENCIO!

Salve, brando crepusculo, que involves este santuario; doces desejos d'amor alentai-me o coração, que palpita rociado pelos orvalhos da esperança!

GOETHE. — *Fausto.*

Silencio, campo arrelvado
De diamantino verdor!
Silencio, bosque encantado,
Onde treme enamorado
Da lua um raio d'amor!

Silencio, brisas lascivas,
Que nas ramas suspiraes;
Brisas das selvas esquivas
A desmaiar semivivas
Por entre os verdes rosaes.

Silencio, oh! aguas queixosas
Das lagôas verdejantes!
Essas ondas amorosas
Embalam no dórso as rosas
Das encostas odorantes!

Silencio, terno gorgeio,
Oh! avesinha canóra!
Desta noite no enleio,
Guarda teus carmes no seio
Com que saúdas a aurora!

Silencio, vagos gemidos,
Que a natureza desperta,
Pelos échos repetidos,
Rumorejando perdidos
Por esta campina aberta!

Silencio, não vês andando,
Ao lume d'aquella estrella,
Umas roupas alvejando,
De virgem que vem scismando?
São seus passos! Noite, é *Ella!*

LAGÔA—4 de março de 1850.

YAIÁ.

—

Vive los dias de tu alegre mayo
Enlazada a tu amigo,
Que aún tiene rama el arbol que hérió el rayo
Para darte su abrigo.
PASTOR DIAS.

Eu juro pelos teus olhos,
E a minha jura não mente!
Nunca vi anjo tão bello,
Como tu, lyrio innocente!

Dez annos terás apenas..
São dez rosas n'um rosal;
Todas dez abotoadas,
N'um mysterio virginal!

Teus olhos são côr das tranças,
Imitão da noite o veu;
Tem um lume mais sereno,
Do que as estrellas do céu!

Eu quizera comparar-te...
Mas é inutil o intento;
Não tem os anjos rivaes,
Nem mesmo no pensamento!

Teu nome tem mais doçura,
Do que um *ai* do coração,
Arrojado na ventura
Dos transportes da paixão!

Inda não roçou teus labios,
Do viver, o amargo fel;
Inda és pura, como a estatua,
Que vai lavrando o cinzel!

Despontas como a violeta,
Entre as sombras acoitada!
Foge do sol, que desbota
Sempre a flor mais delicada!

Inda não rasgaste as azas,
Nos espinhos da existencia!
Adejas dos céos á terra,
Nos vôos da innocencia!

Se os homens te não compr'endem,
Irmã dos anjos, que importa?
A tua existencia, é vida,
A vida d'elles, é morta!

Elles são vermes, que arrastão
Os dias á sepultura;
Tu, és ave que remontas,
E vais perder-te n'altura!

Elles são a luz que morre,
Tu, alvor d'um claro dia!
Elles as cordas de bronze,
Tu, a divina harmonia!

LAGÔA:—abril de 1850.

NO ALBUM

Da Exma. Sra. D. M. B. A.

Consente que entr'as flores melindrosas,
Que recendem da Patria o doce olòr;
Eu deixe, entremeado entr'estas rosas,
Agreste aroma d'estrangeira flor!

Desabroxou nas fendas d'outras serras,
Que lá p'ra o Occidente erguidas são;
É do berço apartado d'essas terras,
Que vem pedir-te abrigo ao coração!

Inda goteja o pranto, que a tormenta
No calice açoitado lhe intornou,
Quando nas nuvens rebramiu sedenta,
E para longe da Patria a desterrou!

Mal póde aqui viver, se um doce abrigo
No regaço das outras não tiver:
Não a deixes morrer—guarda-a comtigo,
Anjo, que as fórmas vestes de mulher!

Onde iria acoitar-se peregrina,
De maguas rouxa a pudibunda flor,
Se não achasse abrigo, alma divina,
No sacrario do puro e doce amor?

Já perdida, á mercê correu das vagas,
No dórso erguido do espumante mar;
E arremessada foi sobre estas plagas,
Onde tornou mais rouxa a rebentar.

Dá pois, que entre estas flores melindrosas,
Que recendem da Patria o doce olôr,
Eu deixe entremeado entre estas rozas
Agreste aroma d'estrangeira flor!

MINHAS ILLUSÕES.

...mis bellas ilusiones,
Toman cuerpo, se abultan
Tocan la realidad, y desmayadas
En crepusculo negro se sepultan.

E. ECHEVARRIA.

¡ Ilusiones ! ay ! ¡ pasaran
Como rafaga encendida,
Que del arbol de la vida
Hoja y flores abrasaran.

PASTOR DIAS.

Como no espelho d'um argenteo lago,
Se retratão as nuvens fugitivas,
A resvalar no céo ;
Assim surgem na mente, em sonho vago,
As sombras do passado revestidas
De vaporoso véo !

A' noite, quando á luz silenciosa
Do astro do mysterio e da saudade
Me acolho a meditar;
Quanta imagem risonha ou lacrimosa
D'outros dias de crença, ou d'impiedade
Eu vejo perpassar?

Aquellas illusões, que eu via d'antes,
Como vultos reaes do meu futuro,
Hoje, ai de mim, que são?
Onde achal-as nas vagas inconstantes
Do mar da vida, tenebroso, escuro,
Em que meus dias vão?

Apenas no socego raro e triste,
Em que das turbas fujo pensativo,
Reconcentrado e só;
Eu gozo do prazer que não existe
Para os homens, que o mundo tem captivo
Em lodacento pó!

Oh! quadra d'illusões, como eu te quero!
Tudo quanto me resta do passado,
De santo e bom, é teu!
As largas expanções d'amor sincero,
Hymnos de gloria—o cantico inspirado,
Esta alma já perdeu!

Vinde outra vez, quaes sombras vaporosas,
Leves batendo as azas côr de prata,
Sorrir em torno a mim!
Desviai-vos das sarças espinhosas,
Onde este peito, que me a dôr dilata,
Se tem rasgado assim!

Vinde, suave repetir-me o canto
De meigo arroubo—magica ternura,
D'encanto divinal,
Que me abrasava n'um delirio sancto,
Ou no gozo celeste da ventura
D'um sonho virginal!

Vinde corôar-vos, oh! gentis deidades,
Não das rosas d'amor, que s'esfolharão
Ao sopro do tufão;
Mas da roxa capella das saudades,
Que nas fragas da vida rebentarão
Com pé no coração!

E dizei-me, a que mundo s'elevarão
Aquellas brancas—deleitosas fadas,
Que n'outro tempo amei?
Se o véo da candidez ellas rasgarão?
Ou se qual eu já forão despenhadas
No abysmo em que tombei?

Contai-me a doce historia dos segredos,
D'essas almas d'angelica pureza,
De languido viver;
Abertas como os lyrios dos rochedos,
Solitarias tambem, sobre a devesa,
D'incognito soffrer!

Oh! quero inda uma vez sentir passar-vos
Fugaz enchame,—loucas maripousas
Em turbilhões de luz,
Embora só acheis onde pousar-vos,
Um crepe funeral, em chão de lousas,
D'envolta n'uma cruz!

Julho de 1850.

MALMEQUER.

Malmequeres?—Bem me queres?
Que respondes, meiga flor?
Diz-me tu, sybilla d'alma,
A sina do meu amor!

Quero ler o meu fadario
Nesta flor innocentinha;
Não m'enganes—não m'illudas,
Malmequer, esp'rança minha!

Na primeira tua folha,
Não sou eu affortunado!..
Bem me quer, diz a segunda;
Folga peito, que és amado!

A terceira diz, *o muito!*
Uma e uma vou contando;
Esta alegre me sorrindo,
Aquella triste esfolhando!

Ai! assim és, vida minha!
Já desprezos, já carinhos;
Hoje grinalda de rosas,
Amanhã c'rôa d'espinhos!

E contei-as, contei todas,
Acabou dizendo, *nada!*
Cada folha era uma esp'rança!
Triste vida, malfadada!

Procurei ler minha sina,
Nos arcanos d'esta flor;
Encontrei o desengano,
Onde qu'ria achar *amor!*

VERSOS A ELISA.

Quando ao volver do baile tu te assentas
Do leito á beira, desprendendo as tranças,
E pensativa vás tirando as flores,
Que o bafo ardente das alegres turbas
Crestado tinha sobre a fronte bella;
Eu amo imaginar ver-te envolvida
Nesses sonhos d'amor, de luz, de rosas!
Com saudade, delicias aspirando
Os magicos perfumes, que transbordão
De teus vestidos e custosas gallas!
O véo ligeiro que teu corpo cinge
Nem resguarda do seio côr de neve
O Talisman d'amor! . . . . . .
N'uma das mãos sustendo inda a grinalda,

Descuidada, tu soltas um suspiro,
Tão meigo, tão sentido, qual da rola,
Que em tronco solitario anciosa geme!
Teus olhos negros sobre o chão cravados,
Occultos pela sombra das pestanas,
A espaços soltão uma faisca ethérea,
Que brilha como o lume das estrellas
Tremulo e indeciso! Quanto és linda,
Mimo da formosura! Acaso um Phidias
Modelo teve de gentil estatua
Em tão bello ideal—formas tão puras!
Impossivel, meu Deus! Celeste archanjo,
Desprendido dos ceus, baixaste á terra
A guiar meus passos—a afinar-me a lyra?
Oh! não mates minh'alma de desejos!
Eu quero libertar-me destes laços,
Que captivo me têm, vôar, perder-me
Comtigo nesse mundo de venturas!
Quero na meiga fonte de teus labios
Apagar esta sêde abrasadora,
Em mil beijos de fogo, saciar-me . .

. . . . . .

. . . . . .

Adormeceste! Os sonhos d'innocencia,
Oh! não acordem meus desejos loucos!

LISBOA.

MULHER OU ANJO?

T'amai dunque, t'amai, e t'amo ancor di un amore,
che no sì può concepire che da me solo.
HUGO FOSCOLO.—*Jacopo Ortis.*

Mulher ou anjo—que importa?
Mulher ou anjo heide amar-te!
Mulher, sou teu, serás minha;
Se és anjo, quero adorar-te!

Nos teus olhos, côr da noite,
Um astro do céo fulgura;
Estrella que bruxoleia
Entre a sombra densa escura!

Tu surges sempre em meus sonhos,
Doce visão, que fluctua
Tão meiga, como n'um lago
Tremulo um raio da lua!

Quando intento enamorado
Erguer um canto na lyra,
Que transporte me arrebata!
Como a minha alma delira!

Meigo encanto de meus olhos,
Que sejas anjo ou mulher
Que importa, se amar é sempre
A fonte do padecer?

Em qualquer fórma que vistas,
És a mesma divindade!
Ventura, quando te vejo!
Se te não vejo, saudade!

Oh! heide amar-te! Que importa
Sejas da terra ou do céu?
Mytho, ou symbolo divino,
Quem póde rasgar-te o veu?

Sim, sou teu, mysterio d'alma!
Sou teu, na vida e na morte!
Sou teu no mudo silencio!
Sou teu no vivo transporte!

Teu, como a essencia das flores,
Ou é do martyrio a palma!
Como a lua é do silencio,
E como o silencio é d'alma!

Oh! sou teu, como nos prados
Da primavera a florinha!
Sim, sou teu, como eu quizera,
Que tu fosses sempre minha!

Mulher ou anjo, que importa?
Mulher ou anjo heide amar-te!
No céu—na terra, a teu lado,
Quero morrer—adorar-te!

MEDITAÇÃO.

A D. A. S.

Quia factus es susceptor meus, et refugium meum, in die tribulationis meæ.

PSALMUS.

Oh! Christo! Banha-te a fronte
De sangue em ondas um mar!
De teus olhos, viva fonte,
Vê-se o pranto rebentar!
Eu gemo tambem comtigo!
Eu tenho por inimigo
Tambem o mundo cruel!
Sinto arder-me n'uma fragua!
Abraza-me a sede d'agua,
Devoro a taça do fel!

A fronte me pende triste
Dos braços da minha cruz!
Mas a fé comtigo existe;
Oh! eu te invoco, Jesus!
Quebra-me as frageis cadeias;
E minh'alma que incendeias
Deixa-a, deixa revoar!
Deixa-a desprender da vida,
Vagar nos astros perdida
Até os céus encontrar!

Nos duros, agros caminhos
Da minha tribulação,
Cingi a fronte d'espinhos,
Rojei a face no chão!
Meu peito já mal respira!
Quebrada me foi a lyra
Por satanico poder!
Murcha a c'rôa de poeta!
Ficou-me... a dôr do Profeta!
E o exilio... p'ra morrer!

Morte, vem! apaga a calma
Em que me sinto abrazar!
Ergue-te aos céus, ó minh'alma,
Deixa-me o corpo ficar
Tributo rendido á terra!

Um templo, que não encerra
Imagem para adorar!
Pó, e cinza derramada,
Frouxa lampada apagada,
Esquecida, e sem altar!

Oh! Christo! na senda agreste
Tambem sinto os pés rasgar!
Roto manto, que me veste,
Quiz-me a turba retalhar!
Tambem tenho o meu calvario!
E apodrecido sudario
Me deve, um dia, envolver!
Nos trances da desventura,
Pelas ruas d'amargura,
Não pôde o rosto esconder!

Não pôde! Que a turba insana
Pelas praças m'apupou!
Soltou-me o grito d'Hosanna!
Escarneceu-me—e passou.
E passou—ébria, damnada,
Com a face condemnada
A sorrir ao crime, e á dôr!
A bradar-me desabrida:
Tua missão é mentida!
É falsa a voz do Senhor?

A turba é impia, descrida!
É só dos bardos a fé!
Nunca o phantasma da vida
As turbas surgiu de pé!
Nunca banhadas em pranto
Erguerão aos ceus um canto,
Implorando-lhe o perdão!
O seu orar n'este mundo
É um grito furibundo,
De blasphema maldição!

Oh! Christo! se tu soffreste
Muito mais que a minha dòr,
Quando teu calix bebeste
De venenoso amargor;
Eu sou fraco, e Tu és forte!
Abre-me as portas da morte!
De que me serve o viver?
Quero-me, ó Deus, libertado,
Ser como um astro afastado,
Que os homens não possão vèr!

LISBOA.

NÃO DORMI?!

E n'uma noite sem lua
Que as estrellas mais brilhavam
Houve quem visse nos ares
Umas roupas que alvejavam.
GARRETT.—*Romanceiro.*

Eu vi um anjo sorrir-me ;
Que lindo anjo, que eu vi!
Triste sentar-se a meu lado
Ai! como triste eu gemi!

Pousou-me a mão sobre o hombro,
Que linda mão que eu senti!
E n'um volver de seus olhos
Ai! como então não morri!

Fallou-me celestes fallas,
Que doces fallas lh'ouvi!
As cousas, que me dizia
Ai! como lh'eu resisti!

Depois perdeu-se nos ares,
Perdeu-se, que eu bem o vi!
Se foi visão—se foi sombra,
Se foi sonho—não dormi?!

MELANCOLIA.

A A. Gonçalves Dias.

> Souvent, aux rayons de cet astre qui alimente les rêveries, j'ai cru voir le génie des souvenirs assis tout pensif à mes cotés.
>
> CHATEAUBRIAND.—*René.*

Quem és tu, que me acompanhas,
Triste, scismando a meu lado?
Quer no viso das montanhas,
Quer no silencio do prado?
Toda de negro trajada;
No rosto pallido e triste
Uma rara sombra existe
De melancolica fada.

Se me assento pensativo,
No marco da solidão,
N'essas horas em que vivo
A vida do coração;
Em mil sonhos enleado,
Entre saudades tamanhas,
Quem és tu, que me acompanhas,
Triste, scismando a meu lado?

Se na mesa dos festins,
Entre o fumo dos manjares,
Fervem liquidos rubins,
E dissolutos cantares;
Quando o espirito nas chammas
Arde ao lume das orgias,
E o remorso conta os dias;
Quem és tu, que então me chamas?

Me encaminhas vacillante,
Redobrando-me a tristeza,
Pela espessura distante
Da solitaria deveza;
O rosto na mão pousado,
Tambem do mundo te esqueces;
E nos montes me appareces;
Triste, scismando a meu lado?

Se leio os versos sentidos,
Do Tasso, Camões, Virgilio,
Tu respondes aos gemidos
Dos carmes do seu exilio;
E vejo sereno pranto
Na face, que te descora,
Como os orvalhos d'aurora,
Deslisar-te sobre o manto?

Quando me abrazo no enleio
Da casta formosa amante,
N'um amplexo contra o seio,
Que se eleva palpitante;
Fico subito calado,
Logo sombrio entristeço,
Se tua imagem conheço
Triste, scismando a meu lado?

Se medito, e vaga ideia,
Que o espirito domina,
No doce sonho me enleia
D'uma tristeza divina;
Tambem tu, visão celeste,
Vagas n'um mundo afastado,
Triste, scismando a meu lado,
Trajada de negra veste.

Se n'um Templo, á luz esquiva,
Affoito o pé temerario,
Com a fronte pensativa,
Entre as campas solitario;
Na beira d'um mausoleu,
Sentada na pedra fria,
Vejo-te em lenta agonia,
Coberto o rosto d'um veu!

Se no fragor das batalhas,
Em pó, e fumo envolvidos,
Entre nublosas mortalhas,
Giram phantasmas perdidos;
Tua sombra pezarosa,
Sobre o campo desolado,
De joelhos a meu lado,
Ergue uma oração piedosa!

Quem és tu, que me persegues
Nos ruïdosos prazeres!
E na desdita me segues,
Sem nunca me conheceres?
Quer nas noites mal-dormidas,
Quer me ria—ou chore—ou cante,
Vejo-te sempre diante,
Nas mesmas sendas perdidas?

SOMBRA.

Sou a virgem das ruinas!
E sou irmã da Tristesa!
E das estrellas de prata,
O lume que se desata,
É c'rôa que tenho presa!

Companheira da Saudade,
Que nos liga a Sympathia!
Quando a desgraça apparece,
Todo o infeliz me conhece,
Eu sou a —MELANCOLIA!

Rio de Janeiro — 1850.

STAMBUL.

.....Stamboul qui sur ce bord
Dressant mille fléches ensemble,
Se berce dans la mer et semble
Une flotte à l'ancre qui dort.
VICTOR HUGO.—*Les Orientales.*

Stambul, tu és princeza
Das cidades do oriente!
Vences a Smyrna em belleza!
Excedes tambem Veneza,
Bella fada do occidente!

Tens a mesquita do moiro,
Mais o templo do christão!
O Pachá vestido d'oiro,
De esmeraldas um thesoiro,
No turbante do Sultão!

Tens a linda Georgiana
Com seus labios de rubim;
A gentil Circassiana,
Cuja fronte soberana,
Vale Belgrado e Senlim!

A sultana *favorita*
Recostada no sophá!
Tens a Moura—a Moabita,
Mais a Grega, a Maronita
Invocando o seu Allah!

Os kiosques de mil cores!
Os movediços fanais!
Engrinaldadas de flores
As lyras dos trovadores,
Modulando ternos ais!

Teus serralhos radiantes
São de prazer, d'alegria,
Quando em danças doudejantes,
Ou nos cantos delirantes
Exhalão doce harmonia!

Oh! nem Granada a famosa!
Oh! nem Sevilha a gentil,

Tem nos seus prados de rosa
Primavera mais formosa,
Ou mais perfumado abril!

És a joia do levante!
És um sonho de poeta!
És a perola brilhante
Do Kalipha triumphante!
Um oasis do propheta!

És um astro d'esplendores!
Invejada do christão,
Quando em teus berços de flores,
Terno sorriso d'amores
Lhe embriaga o coração!

LISBOA.—Janeiro de 1844.

A LUCIA.

—

Viste da noite aos fulgores
Meigas flores
Dobrar o tronco e pender,
Quando surge a branca lua,
E fluctua
Entr'as ramas a tremer?

E viste por sobre as relvas,
D'entr'as selvas
Surgir um anjo de Deus?
Sorrindo, triste, parado,
A teu lado,
Fitar os olhos nos céus?

Depois tenue esvaecer-se,
E perder-se,
Como sombra louca e vã;
Illusão da phantasia,
Harmonia,
Debil sonho da manhã?

Sentiste correr-te o pranto
Sobre o manto
Como perolas rolar?
E ficaste pensativa,
Semi-viva,
Em segredo a soluçar?

É que a tu'alma inda é pura,
E fulgura,
D'esp'rança, qual viva luz!
O teu caminho é de flores,
Explendores
Em torno só vês da cruz!

LISBOA.

O TRONCO ISOLADO.

A HENRIQUE MUZZIO.

> Outr'ora o velho monarcha, vigoroso e forte
> soberbo se levantava n'um throno.
>
> *Justino Kerner.*

Como é solemne ver aquelle tronco
No viso da montanha solitario,
Sem uma folha secca, sem um ramo,
Que lhe sirva de manto ou de sudario!

Em pé, despido—só, qual pensamento,
Que as humanas vaidades não procura;
Parece derrubada pelos tempos
Uma cruz de gigante sepultura!

Estendem-se-lhe aos pés as virgens mattas;
Nas penhas a raiz se lhe entrelaça;
Com seu lascado cimo as nuvens rasga,
Quando a tormenta rebramindo passa!

Impassivel e rude— antigo tronco,
¿ Que te importa da brisa o doce abraço,
Se a fronte engrinaldada não te adorna
Os pendidos festões em verde laço?

¿ Que te importa do trepido ribeiro
A frescura, que exhala e que aviventa
As boninas, que o berço lhe atapetam,
E o lyrio, que nas margens lhe rebenta?

Tu és uma ruina das florestas,
Que a mão de Deos conserva nessa altura!
Pareces abatida pelos tempos
Uma cruz de gigante sepultura!

Eu amo contemplar-te altivo e mudo
Gravado sobre o puro azul do céo,
Quando a noite parece, que te envolve
Na diaphana luz do argenteo veo!

Talvez, rei desthronado, tu apontas
Como a c'rôa se abate d'uma fronte,
Embora curvem-se os titões vassallos,
E o throno seja inaccessivel monte!

Se acaso tu podesses revelar-nos
Destas selvas os mysticos arcanos?
Em que luta cruel te despojaram
Os euros, que zombaram de teus annos?

Que tremenda lição tu não serias
Para os grandes do mundo—os potentados?
Hoje no fausto da grandeza erguidos,
No pó da terra em breve derrubados!

Quantas vezes, monarcha das florestas,
A purpura d'um manto se espedaça,
E da grandeza antiga apenas resta
O diadema d'espinhos da desgraça!

Tu, que viste a teus pés se revolverem
Errantes tribus de selvagens povos;
Morrer as gerações,—e renovar-se
Fecundas em prodigios sempre novos,

Rico então de soberba magestade,
¿ Que te importava os dias do porvir,
Quando o sol te c'roava a coma excelsa
Embalada dos ventos ao rugir ?

Hoje apenas avultas sobre um morro
Ossada negra, carcomida escura!
Espectro do passado, que semelhas
Uma cruz de gigante sepultura!

MORRO DA GAVIA.—Maio de 1850.

N'UMA ILHA AMERICANA.

A JOÃO D'ABOIM.

Ao sem ventura que entender meu canto,
Meu canto e minhas lagrimas envio.
A. F. DE CASTILHO. — *Ciumes do Bardo.*

I.

Onde irei, estrangeiro n'este solo,
Buscar um peito que minh'alma entenda?
Em ludibrio da sorte, e sem conforto,
Errante nestes plainos abrasados
D'Americana plaga? Quem me acoite

Onde irei procurar? Quem me responda
Aos fervidos suspiros, que rebentam
Nos maguados sons da rude lyra,
Que emudeceu á voz da desventura?
Onde irei, estrangeiro n'este solo,
Buscar um peito que minh'alma entenda?

II.

Sentado á sombra das palmeiras, triste,
Eu sinto meus cabellos ondulando
Ao sopro preguiçoso d'estas brisas!
As ondas vem quebrar no serro agreste
Dos alcantis da praia solitaria!
As maguas me recrescem c'o murmurio
D'este cantico eterno de tristeza;
Meus prantos se confundem nos gemidos
D'aragem que prepassa, e nos perfumes
Das boninas do oiteiro, enamoradas
Do silencio da noite e das estrellas!
E o coração em pranto me pergunta:
Onde irei, estrangeiro n'este solo,
Buscar um peito, que minh'alma entenda?

III.

Oh! ilha solitaria, ilha formosa,
Como a virgem que affagas indolente

Dourada aos raios de teu sol de fogo!
Quero trocar comtigo o sentimento
Das penas e saudades, que me pungem,
Pelos segredos, que murmura em torno
Serena e doce a voz da natureza!
Oh! diz-me se na sombra d'estas palmas,
Na crysta d'estas penhas elevadas,
No berço d'esta relva, ou nas areias
D'estas gementes praias, outro bardo
Veio carpir-se aqui, ou debruçar-se
Á beira d'estas aguas, implorando-lhes
Um écho seu da patria idolatrada,
Que fosse como ramo emmurchecido
Revivendo, apertado contra o peito!
Oh! diz-me que suspiros lh'escutaste,
Com que prantos banhou estes penedos?
Que disse, de joelhos sobre o monte
Os olhos alongando, erguendo os braços
Em busca d'outro céu, d'outro horisonte?
Responde-me tambem ungindo os carmes,
Que desprendo da lyra debeis, tristes
Como a sombra do exilio a que m'acoito?
Responde-me tambem, p'ra que não diga
Onde irei, estrangeiro n'este solo,
Buscar um peito que minh'alma entenda?

IV.

Saudade! Companheira do infortunio!
Vegetas, meiga flor, sobre o deserto
D'um peito devastado, nas ruinas
Da vida entrelaçada, como a hera,
Que se enrosca nos troncos d'uma faia,
Ou nos ramos do rigido carvalho!
Saudade! que me dóes, e que me punges
Os dias malfadados da existencia,
Enlutados na dor de mil pezares;
Tu és o meu conforto n'estas plagas,
Onde nem aves tenho que me entendam,
E poisadas nos galhos das florestas,
Da patria me recordem os gorgeios
Do rouxinol saudoso em noite amena!
É triste no desterro a voz dos homens!
Da natureza a voz é tambem triste
Nos fraguedos do exilio, ou nas montanhas
Das terras do estrangeiro!
Mas, saudade,
Eu quero repassar meu sentimento
Nos perfumes da flor, que affaga o seio
Da donzella, que chora entristecida

Brandas queixas d'amor em sons carpidos!
Diz-me tu, se ninguem póde dizer-me:
Onde irei, estrangeiro n'este solo,
Buscar um peito que minh'alma entenda?

V.

E' muda a noite! As estrellas
Fulguram a mil e mil,
Doces, tremulas e bellas,
Bordadas no céo d'anil!
A lua, a medo encoberta,
Manto de nuvens aperta
Em cambiantes listões;
Pela encosta das collinas
Pendem pallidas boninas
Em debruçados festões!

O mar fremente s'espraia,
Recua... torna a voltar,
Banha de prantos a praia,
Vai nos fraguedos quebrar!
Forceja, luta incessante
Cada hora, cada instante,
Cumprindo a eterna missão;
Hoje solta um vão lamento,
Mas amanhã, n'um momento,
Abysmos cava o tufão!

Fraco baixel da existencia,
Tens outro fadario igual!
Alvo lyrio d'innocencia,
Que nasceste ao pé do val,
Tambem se a brisa te alenta,
Hade-te um dia a tormenta
Mimosas folhas cortar;
Que a tempestade e a bonança
Vivem casadas á esp'rança,
Erguidas no mesmo altar!

Quantas vezes a tormenta
Tem-me arrojado aos baldões?
Espedaçado sedenta
Desejos, vida, illusões!
Hoje que sou? Que procuro?
Onde tenho o meu futuro?
Onde as glorias que sonhei?
Aqui, sosinho, estrangeiro
Busco tredo captiveiro,
Ou nova patria encontrei?

Nova patria! Só, distante
Terei conforto?—Heide ter,
Que tens de sobra, ó gigante,
A sombra pr'a me acolher!

Já nas horas mais ditosas,
Grinaldas de frescas rosas
Na tua fronte depuz;
Terra das verdes palmeiras,
Onde as aves feiticeiras
Se vestem d'ouro e de luz!

E' muda a noite! As estrellas
Scintillam a mil e mil,
Doces, tremulas e bellas
Bordadas no céo d'anil!
A lua, a medo encoberta,
Manto de nuvens aperta
Em cambiantes listões;
Pela encosta das collinas
Pendem pallidas boninas
Em debruçados festões!

VI.

Oh! que saudade tamanha
Não tenho aqui a montanha
Onde nasci!

Estes montes, estas aguas,
Ai! não me esquecem as maguas
Que soffri!

Punge-me a vaga tristeza,
Minh'alma com ella presa,
Presa vai!
Nas grutas d'estes retiros
Confundem-se os meus suspiros
N'um só ai!

Transpuz as serras, os mares,
Agora aqui nos palmares
Me sentei;
Olhei das ondas o leito,
Cruzei os braços no peito,
E chorei!

Quem sabe se o mundo vario
Os crepes do meu sudario
Já cortou?
E se morrerei ausente
D'aquelle anjo innocente,
De quem sou?

Lembrei-me d'aquelle abraço
Com que estreitei inda o laço
N'um adeus;
Deixando-a triste, formosa,
Erguendo os olhos chorosa
Para os ceus!...

Oh! que saudade tamanha
Não tenho aqui a montanha
Onde nasci!
Estes montes, estas aguas,
Ai! não me esquecem as maguas,
Que soffri!

VII.

Vai perdido meu canto, e desvairado
Por sobre as ondas murmurando um ai!
Embora de mil penas vás cortado,
Vai na patria morrer, meu canto... vai!

Vai nas terras da patria sussurrando,
Como sopro de fresca viração;
As ramas dos salgueiros agitando,
Bafejando as boninas d'outro chão!

Suspira junto á fonte debruçado,
Onde scismando a virgem se perdeu,
O rosto em mão de neve recostado,
O seio arfando em transparente veu!

Pendura-te no tope rude e frio
D'alguma solitaria humilde cruz;
Gemente encara as margens d'esse rio,
Que os astros banham de serena luz!

Pelo cedro te enrosca da montanha,
Que a furia da tormenta baqueou;
Quem sabe se da sorte a crua sanha
Ambos nós, á mesma hora, fulminou?

Vai perdido, meu canto, e desvairado
Por sobre as ondas murmurando um ai!
Embora de mil penas vás cortado,
Vai na patria morrer, meu canto... vai!

Rio de Janeiro—Janeiro de 1850.

O CANTO DA FAVORITA.

> Uma lagrima brilhante tremeu no purissimo azul de seus olhos, como uma gota d'orvalho suspensa no calice d'uma violeta.
>
> BYRON.

Junto á fonte das palmeiras
Do serralho no jardim,
Descantava a favorita
No seu terno bandolim.

« Eu amo guardar no seio
Botões de candidas flores,
Como suspiros ardentes
D'apaixonados amores!

Eu amo cingir a frente
Com grinaldas de jasmins;
O meu turbante de seda,
E o meu collar de rubins!

Amo o cinto d'esmeraldas,
Que a minha tunica aperta;
Amo os vôos da andorinha
Em redor do ninho, incerta!

Amo as minhas odaliscas,
Suas danças vaporosas;
Seus cabellos enastrados
De mil perolas—e rosas!

Amo a sombra da palmeira
Junto á fonte abandonada!
Amo a lua adormecida
Sobre a vaga prateada!

Amo a voz do peregrino
Embebido em seu cantar!
Amo a barca aventureira
Rio ácima a navegar!

Amo os cavallos d'Arabia,
Filhos do deserto ardente,
Voando aos hymnos da guerra
Do anafil estridente!

Amo a conchinha esmaltada
Nos alcantís apanhar;
Amo as estrellas do lago,
Triste, em segredo, mirar!

Amo as rosas d'Erymantho,
E os incensos de Palmyra!
Os meus divans de brocado!
Os meus tanques de safira!

Mas só amo apaixonada,
Do mancebo trovador
As endeixas namoradas
De seu namorado amor! »

Assim cantou a sultana
A sua canção real;
E houve quem visse o rei moiro
Olhar, sorrindo, o punhal.

NÃO QUEIRAS O MEU CANTO.

(N'um Album).

Se eu tivesse a lyra d'oiro
Em que o Tasso descantou,
Cingida a frente de loiro,
E o condão que o inspirou!
Com que affoita valentia
Em torrentes d'harmonia
Meu canto desprenderia;
Mas eu... poeta não sou!

Não sou poeta; que importa
Sentir a mente abrazar,
Se a minha esp'rança foi morta,
Se a vida não posso amar?

Se da minh'alma nas fraguas
Sinto rebentar as maguas!
E só do pranto nas aguas
Posso as penas sepultar!

Não sou bardo! Um doce canto
Não peças á minha dor!
Pede-o da noite ao encanto,
Ou d'uma estrella ao fulgor;
Pede á virgem, quando chora,
Pede a noite, pede á aurora,
Pede a tudo quanto adora,
A tudo que sente amor!

Mas a mim, á folha triste,
Que o vento move no chão!
Que se involve, e não resiste,
Nas azas do turbilhão!
Não peças, virgem formosa,
Não queiras, alma ditosa,
Uma nota dolorosa
Nos hymnos do coração!

AO SEPULCHRO DE NAPOLEÃO

EM

SANTA HELENA.

(Imitação).

Dorme teu somno profundo,
Dorme em paz, filho da gloria,
Já que não dorme no mundo
Da tua fama a memoria!

Eras da vida o gigante!
Foste fundido p'ra guerra!
Tens no céo a fronte ovante,
E por pedestal a terra!

Aguia, que os vôos soltaste
Nas ignotas regiões,
E o destino avassallaste
No seio dos turbilhões!

Abortou a natureza
Um penhasco sobre o mar,
Onde a colossal grandeza
Deixes féro repousar!

Pois não pôde certamente
Em louco despeito acceso
Supportar o continente,
Nem da tua campa o peso!

Digno rival d'um titão!
Da gloria filho e senhor!
Tens um mundo por brasão!
Busca Homero por cantor!

E a tempestade bravia
Além confunda no mar
Em horrisona harmonia
Os échos do seu cantar!

Quando o sol por traz do monte
Esconda o globo abrasado,
Figure pelo horisonte
Em crepusculo inflammado,

Varias sombras generosas
Vestidas d'argentea côr
Grupadas silenciosas
A escutar-te o louvor!

Em quanto vagam perdidas,
Como em funebre mysterio,
Entr'as nuvens confundidas
As aguias do teu imperio!

Dorme o somno glacial
Sem os tropheus cinzelados!
Tens a urna funeral
No peito de teus soldados!

Dorme! E nescia profusão,
Dize, que te importa a ti?
Dorme, sem mais pretenção,
Que um nome te basta, aqui!

Temerão-te, e te adorarão,
Foi grande destino — á fé,
Pois os thronos vacillarão
Quando tu moveste o pé?!

Teus frios restos encerra
Pobre e misero lugar;
Vivo te adorava a terra,
Morto te respeita o mar!

O estro, a musa m'inflamma,
Ao teu rochedo vôei;
Mas nem de Marengo a fama
Com meu canto acordarei!

Pois talvez ás novas glorias
Do sepulchro te erguerias!
Ao hymno das mil victorias
Com furor despertarias!

Sacodindo esse pó frio,
Que te envolve a fronte audaz,
Volvêras ao poderio,
E o mundo perdera a paz!

Dorme, pois, homem temido,
Dorme o teu somno profundo!
Pois em quanto adormecido,
Póde repousar o mundo!

Á MORTE DO PRINCIPE IMPERIAL

D. PEDRO AFFONSO.

A Suas Magestades Imperiaes.

Oui, c'est la vie. Après le jour, la nuit livide.
Après tout, le reveil, infernal ou divin.
Autour du grand banquet siège une foule avide ;
Mais bien des conviés laissent leur place vide,
Et se levent avant la fin.

Victor Hugo—*Fantômes.*

I.

Baixou dos ceus um anjo mais á terra !
Mas breve arrependido
Volveu de novo a remontar á patria,
Donde tinha descido !

Assim, no veu da noite, um astro corre
Em rapido clarão!
Resplende sobre a terra—passa e morre;
Redobra a escuridão!

Do tenro infante o berço abandonado
Accusa a viuvez,
Em tanto rosto em lagrimas banhado
Qu'enluta a pallidez!

Como flor, que desponta ao romper d'alva,
Na vida despontou!
E como flor, que ao dia não resiste,
No tronco s'esfolhou!

Baixou dos ceus um anjo mais á terra!
Mas breve arrependido
Volveu de novo á remontar á patria,
Donde tinha descido!

II.

Não choreis! Outro conforto
Nos braços teve de Deus!
Se da vida deixa o porto,
Tem outra vida nos Ceus!

Tem outra patria, outra gloria!
Se em nossa débil memoria,
Brilhante lume fluctua;
Tem no alto, entre os archanjos,
Abraçado pelos anjos,
A eternidade por sua!

De que lhe serve, innocente,
Esse pezar louco e vão?
Se chorais, por vós sómente,
Alague o pranto esse chão!
Perdeste, quem sabe, ó mundo
Talvez um genio profundo,
Um grande conquistador!
Um rei dos reis Evangelho,
Que imprimisse ao mundo velho
Do novo mundo o vigor!

Bradando: Deponde as taças,
Que a liberdade eu vos dou!
Deixai orgias devassas,
Ungido por Deos eu sou!
Sobre os vastos cemiterios
Das ruinas dos imperios,
Eu novo throno assentei!

Venhão tribus abrigar-se,
Venhão todos libertar-se,
Que eu sou dos povos o rei!

Quem sabe, que voz austera
Junto ao berço lhe fallou?
¿ Para a patria, que perdera,
De novo Deus o chamou?
Quem sabe, ó anjo innocente!
Se dos homens descontente
Abandonaste-os sem dó,
Deixando-os no lodo impuro,
Descuidados do futuro
A revolver-se no pó!

Quem sabe? Ninguem revela
Mysterios que o céo não diz!
Se o brilho daquella estrella
Não fôra, talvez, feliz!
Quem sabe? Redobra o pranto!!
Arrastão de crepe o manto
Os filhos desta nação!
As desprendidas bandeiras
Vão co'as armas estrangeiras
Abatidas para o chão!

Não choreis! Outro conforto
Nos braços teve de Deus!
Se da vida deixa o porto,
Tem outra vida nos céus!
Tem outra patria, outra gloria,
Se em nossa debil memoria
Brilhante lume fluctua;
Tem no alto, entre os archanjos,
Abraçado pelos anjos
A eternidade por sua!

III.

Vinde depor na campa da innocencia
Da candidez as flores!
Orai-lhe aos pés do altar—na cruz partida
O' pobres, e senhores!

Baixou dos ceus um anjo mais á terra!
Mas breve arrependido,
Volveu de novo a remontar á patria
Donde tinha descido!

11 de janeiro de 1850.

QUE VÊS ALEM.

A A. A. SARMENTO.

De l'avenir, toi qui sais le mystère,
Enfant des mers, ne vois-tu rien lá bas?
BOUCHARD A LAMARTINE.

Que vês tu? Que vês além?
Que vês tu no mar revolto?
No vento, que ruge solto,
Que açoutar as ondas vem?
Que vês no cimo do monte?
Que vês nas aguas da fonte?
Nas harmonias que tem
Dos astros, serenos lumes,
De toda a terra os perfumes,
Que vês tu? Que vês além?

Que vês na terra e no céu?
Dentro em minha alma derrama
Toda a luz da pura chamma,
Qu'illumina o genio teu!
Tu tens crença, amor, ventura,
Os mimos da formosura,
E dos mysterios o véu
Os anjos te vão rasgando,
Quando te dizem, passando:
Que vês na terra e no ceu?

Vês a aurora? Vês a luz?
Vês a vida, a liberdade?
Vês dos povos a igualdade
Santificada na cruz?
Vês o céu abrir-se puro?
Rasgar-se o manto ao futuro,
Que nas trevas nem reluz?
Vês na geração nascida
Outra crença, e outra vida,
Vês a aurora? Vês a luz?

Que vês tu calado e só?
A tua fronte inda infante,
Triste nuvem, n'um instante,
Toldou de negrura e dó!

É que o porvir é sombrio,
Como a corrente d'um rio,
Envolto no lodo e pó?
É que perdeste a esperança,
E te perguntão—criança,
Que vês tu calado e só?

Que estrella se te apagou,
Que te não surja mais bella,
Como os lyrios da capella
Com que a virgem se adornou?
Ergue a fronte, vive e canta,
A missão que tens é santa,
Foi ella que te inspirou!
Tu lês no livro vedado,
Não lhe escrevas descuidado,
Que estrella se te apagou!

Não queiras tambem, como eu,
Soffrer a dor de Gilberto!
Pedir a fonte ao deserto,
Pedir os astros ao céu!
Pedir aos homens alento,
Comprar co'a vida o sustento!

Morrer como elle morreu!
As illusões mais douradas
Vel-as aos pés esfolhadas,
Não queiras tambem como eu!

Responde: que vês além?
Vês trevas, ou vês aurora?
A virgem sorri-se, ou chora,
Que affagar teus sonhos vem?
Os seus passos são tardios?
Procura escusos desvios?
É verde a palma que tem?
Responde, falla, apparece,
Essas nuvens desvanece,
Responde: que vês além?

O NAUFRAGIO.

(Memorias d'um marinheiro).

¿ Qien guia la barquilla
Perdida e maltratada
Por las tinieblas densas
De la tormenta atróz ?
¿ A qué remota orilla
Podrà desconsolada
Llegar del marinero
La moribunda vos ?

D. J. Zorrilla.

Vôa um baixel destemido
Rasgando os seios do mar !
Desce aos abysmos perdido,
Sobe as nuvens a affrontar !

Leva solto, ao vento dado,
O seu livre pavilhão;
E na mesena encostado
Vai fumando, socegado,
O seu féro capitão !

Sobranceiro crava ao largo
Os olhos em torvo olhar....
O sorriso triste, amargo,
Vem-lhe os labios agitar.
¿ Que pensamento profundo
Revolve na mente audaz ?
Quando o raio furibundo
Rasga as entranhas do mundo,
Só elle parece em paz !

Oh ! quem nos dirá o arcano
D'aquella muda altivez ?
Só—no meio do oceano,
Sobre as taboas de um convez !
Ruge o vento — o pego alteia,
Rebrame com mais furor !
A tempestade se ateia,
Raio a raio se encadeia,
E bate horror sobre horror !

Nem um gesto—um leve abalo
Sobre a face lhe transluz;
Venha a rajada açoital-o,
Ou cegue-o sinistra luz.
Immovel contempla as aguas
A subir.... subir aos céus!
¿ Quem sabe, que negras maguas
Lhe rebentam n'alma, as fraguas
De mais altos escarcéus?

Cresce a vaga nos desertos
Das aquosas regiões;
É soberbo ver abertos
Os seus cavados golfões!
Mordem-se as ondas rugindo
As furias do vendaval;
Ora o dorso sacudindo,
Ora enlaçadas bramindo
Nas azas do temporal!

No fragor da tempestade
Como és tremendo, Senhor!
Como avulta a magestade
Das iras do teu furor!

Venha o impio aqui, descrido
Duvidar do teu poder;
Quero vêl-o confundido,
E como o cedro abatido
No chão a face esconder!

Neste concerto gigante,
Dos elementos á voz,
Em rubras fitas, brilhante
O raio cruza veloz!
As negras ondas fervendo
Em tenebrosos cachões
Vão a mais e mais crescendo...
Manto d'espuma estendendo
Pelos liquidos vulcões!

Mas o brigue aventureiro
Não sossobra ao temporal,
Púla, qual gamo ligeiro,
N'aquelle abysmo infernal!
Os seus cabos sacudidos
Parecem chorar de dôr,
Quando do vento aos gemidos
Estalam, voam partidos
Em horrisono fragor!

Porém cresce a onda, alaga,
Forma diluvios o mar,
Rebrame, morde-se, esmaga
Como serpente a sylvar!
O raio brilha... já desce...
Sobre o baixel estalou,
Que todo, inteiro estremece!!...
Pende ao lado, e desfallece
Como a aguia, que tombou!...

Cruza os braços o piloto;
E o capitão a sorrir
Apontando o mastro roto:
« De joelhos—descobrir!
Bradou com a voz cortada;
« De joelhos, homens meus!...
Nessa vaga encapellada
Vem a morte ali sentada,
Com a punição de Deus!..

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Dizem, que ao nascer d'aurora
D'outro dia, que raiou,
Sobre a cósta se deplora
Um brigue, que naufragou;
E que um vulto se encontrára
Desfigurada a feição,
Onde alguem disse, que achára
Do baixel, que se afundàra,
O corpo do capitão.

Um mysterio aqui se encerra,
Que desconhece o cantor;
Talvez um hymno de guerra,
Ou uma nenia d'amor!
Nada mais se soube ao certo;
A tragedia terminou.
Assim se vê no deserto
Um arco surgindo incerto
D'um Templo, que desabou!!...

No mar—1849.

A NUVEM.

Tão linda nuvem, que passas
Pelas brisas embalada,
Onde vás? e donde vens,
Diz-me, ó nuvem prateada?

Eis-te do ceu pelos campos
Diversas formas tomando;
Ora semelhas um barco,
Que vai os anjos levando,

Ora um cestinho pareces
Onde as estrellas são flores;
Ora um templo peregrino
Adornado d'esplendores.

Aonde vás, linda nuvem,
Onde diriges teu norte?
Ignoras, como eu ignoro,
Qual o fim da minha sorte?

Mas tu caminhas nos ceus,
Passas da terra affastada;
Es mais feliz, linda nuvem,
Linda nuvem prateada!.

A UM AMIGO.

Que el poeta en su mision
Sobre la terra que habita
Es una planta maldita
Con frutos de bendicion.
D. J. Zorrilla.

Poeta, por entre as vagas
Da turba, que foge e vem;
Porque sosinho divagas,
E não te acolhe ninguem?

A fronte vendo toldar-te
Das amarguras o veu,
Ninguem procura abraçar-te,
Ninguem te aponta p'ra o ceu?

As solidões dão-te abrigo;
Dá-te a noite inspirações!
E tu vives só, comtigo,
De teus sonhos e visões?

É que a turba não conhece
Mais que o lodo em que nasceu;
Não olha, como tu olhas,
Para o futuro... que é teu!

A UM VIAJANTE.

Le voyageur s'assied sous votre ombre immobile.
VICTOR HUGO—*Odes.*

Viajante, tu que passas
Sobre esta terra de flores,
Consagra-lhe uma saudade,
Quando longe d'ella fores,
Volvendo de novo á Patria,
A' Patria dos teus amores!

Já não é quem d'antes era
Pobre terra onde eu nasci;
Onde medra a larangeira,
E a madre-silva sorri;
Onde ha fontes e salgueiros,
E cousas que eu nunca vi!

Já se forão esses tempos,
Em que ella era respeitada;
Agora... geme arquejando
Aos pés d'escravos calcada!
Já sua gloria foi grande!
Hoje... luz quasi apagada!

Mas ainda em suas grutas
A Sybilla não morreu!
Branca, raivosa, espumando
Por entre as selvas correu,
E vingança, tarde ou cedo,
Desgrenhada prometteu!

Esta terra jaz por ora
Como as cinzas de Pompeia,
Recostada sobre a margem
Adormecida sereia;
Mas ao grito de vingança
A fronte se lhe incendeia.

E o viajante, que passa,
Sobre esta terra de flores,
Consagra-lhe uma saudade,
Saudade de roxas côres,
Volvendo de novo á Patria,
A' Patria dos seus amores!

LISBOA.

A UM POETA DESCONHECIDO.

Oh ! garde-les toujous, jeune homme au chaste cœur,
Garde-les sur ton front ces aureoles pures
Et ne les ternis point par d'humaines souillures.

SAINTE-BEUVE—*Consolations.*

Pour moi, je prete l'oreille aux sons que rendent les ames saintes avec plus de respect qu'a la voix du Genie.

ABBADE GERBET.

Quem essa voz maviosa
De grata melodia,
No ramo solitario
Suave t'inspirou?
Do ninho teu errante,
O' cysne d'harmonia,
Que gemer de saudade
Teus hymnos acordou?

N'um tronco debruçado
As auras aspiraste
Da patria recendentes,
Que trouxe a viração;
Depois em notas puras
Do peito as exhalaste
No palpitante enleio
Do meigo coração.

¿ Em que ditosa fonte
As azas multicôres
Banhaste á phantasia,
Que assim t'eleva ao ceu?
Nas mais duras devesas
Te rebentárão flores,
Que á fronte inda serena
Um genio te prendeu.

Como é doce escutar-te,
O' rouxinol saudoso,
Da noite no silencio,
Do rio ao suspirar!
Quando parece a terra
Em paz dormindo e gozo,
Tranquilla a natureza
Apenas respirar!

¿ Enterneceu-te o chôro
Da minha sem-ventura?
¿ Lembrou-te o ceu da patria,
A mãe do nosso amor,
Por quem penámos ambos
Na mesma desventura?
¿ Por quem ambos soffremos
A mesma cruel dor?

¿ O teu canto modulas
Na doce voz sentida;
Mas eu, que já não posso
Votar-lhe uma canção,
Apenas só lhe offerto
Em lagrimas a vida,
Na vida o pensamento,
E n'elle o coração!

No mesmo bosque temos
O ninho idolatrado,
Mas em remotos climas
Nos fez a dôr irmãos;
Prendeu-te a sympathia
Ao vate desterrado,
Do qual a lyra ignota
Já lhe estalou nas mãos!

De rosas immurchaveis
Te c'rôa a Poesia;
Rebentão-me os espinhos
Onde te nasce a flor;
Iguala a tua esp'rança
A' minha atra agonia!
Consolo dão teus cantos,
Os meus despertão dor!

Rio de Janeiro 1851.

MESSALINA.

Regardez tous !..
VICTOR HUGO. *Marion de Leorme.*

. . . . . .

Qu'importa? Não comprehendeste
Quanto amor minh'alma tinha!
Foste d'um peito rainha,
Mas escrava te fizeste!
Escrava, que te vendeste
Ao oiro devasso e vil;
Quizeste contar amantes,
Como as vagas inconstantes,
Como os astros mil a mil!

Foste rainha e senhora!
Agora nem nome tens,
Que o nome, que tens agora,
Não t'o dou eu, que te amei!
Tu não existes—sonhei!
És uma estatua vendida,
Sem alma, sem fé, sem vida,
Perjurando ao proprio Deus!
Folgas no lodo arrastada,
E tens na face estampada
A ignominia dos Céus!

Vai vender os torpes bejos,
Em troca de mais vilezas;
Os desenvoltos desejos
Te comprarão as riquezas,
Que só compra o ouro e vende,
A chamma que o peito accende,
O teu dissoluto amor!
És um limo desprezado;
És como um astro tombado
Ás maldições do Senhor!

Cahiste! No chão rojada
A face se te manchou!

Nódoa eterna, e abrazada,
O crime n'ella gravou!
Se por descuido tu leres,
Mesmo sem os compr'enderes,
Estes versos, que escrevi....
Rasga-lhe as folhas, irada,
Que te não pedem mais nada!...
Olha-os depois... e sorri!!..

1848.

A UM BRASILEIRO

QUE VIAJOU EM PORTUGAL.

> Ah! tant que la vie fera palpiter mon cœur, it n'oubliera pas la patrie delaissée, plus chére el plus belle dans ses douleurs, sa tristesse et ses orages, que le rest du monde aux heures óu brille le soleil!
>
> THOMAS MOORE.

Quando nas margens do formoso Tejo,
Estrangeiro tambem, buscaste a sombra
Dos verdes laranjais,
Não sentiste, qual eu, da patria ausente,
As saudades, no peito rebentar-te
Em muribundos ais?

Não foste á tarde a divagar nos bosques,
De madre-silva e murta entretecidos,
D'aromas e frescura;
Quando a lua, rompendo os arvoredos,
Entôa no rumor das brandas folhas,
Um hymno de doçura?

Não foste pensativo, junto á fonte
Parar, fitando os olhos na corrente
Do trepido ribeiro;
Vendo o sol apagar-se no horisonte,
E fugir entr'as sombras do crepusculo
Por traz do verde outeiro?

Não escutaste em solitario tronco
A maga vóz do rouxinol saudoso,
Ternuras gorgeando,
Quando é serena a noite, o céo callado,
E bafejando a brisa expira, e morre
Em murmurío brando?

Oh! de certo sentiste então no peito
Gotejar da saudade o doce pranto,
Banhando o coração,
Ao lembrar-te da patria, que distante,
Te vinha ao pensamento, como um sonho
Da fervida paixão!

O mesmo sentimento inspira os cantos
Da minha pobre destemp'rada lyra,
Longe do berço meu!
Tu que pódes, amigo, comprehendel-os,
Recorda-te uma vez, lendo os meus versos,
Da patria que t'os deu!

Dezembro de 1850.

PENSATIVA.

A J. DA S. M. LEAL JUNIOR.

Onde vás tão alva e linda,
Mas tão triste e pensativa,
Pura, celeste Adosinda,
Da côr da singela rosa,
Que nasceu ao pé do rio?
GARRETT — *Adosinda.*

Onde vás tão pensativa
Virgem, do mundo captiva,
Os olhos fitos no chão?
Essa nuvem de tristeza
Como realça a belleza
Na pallidez da paixão!

Caminhando descuidada,
A madeixa desatada,
Onde vás, tão triste assim?
Vás como a rosa pendida,
Que na torrente da vida
Se debruça, e cahe por fim?

Foi vago presentimento?
Foi um negro pensamento,
Que n'alma t'esvoaçou?
Foi saudade? foi desejo,
Que nos rubins de teu pejo
Uma perola engastou?

Murcharão todas as flores,
Onde tinhas teus amores?
Quebrou-se o verde rosal?
Seccou-se a fonte de prata?
Já teu rosto não retrata
Como o diaphano crystal?

Estalou-te a corda d'oiro,
Das harmonias thesoiro,
Da tu'harpa de marfim?
Vagas agora perdida,
O' flor do ceu, desprendida
Em desmaiado carmim?

Ao livro do teu *Romance*,
Rasgarão-lhe o terno lance
D'infantil—singelo amor?
Foi a pagina sentida,
Que tinhas quasi sabida,
Marcada com murcha flor?

Foi a pagina tão triste,
Que mil vezes repetiste
A' beira d'agua a gemer,
Quando vinha a meiga lua
Pratear na face tua,
Os prantos do teu soffrer?

Acaso perdeste a esp'rança
De teus sonhos de bonança
N'um desengano fatal?
Julgavas tudo pureza?
Sentes agora incerteza?
Já crês no genio do mal?

O anjo de branca alvura,
Com as azas de luz pura
Tu não viste hoje passar?
O teu sonho vacillante
Apagou-se n'um instante,
E julgas inda sonhar!

Coitada ! triste, coitada !
Branca rosa desfolhada
Tão cedo sem compaixão !
Tu passaste como as flores,
Vivendo um dia.... d'amores....
No outro.... morta no chão !

Mas qu'importa ao mundo vario,
Se t'envolves n'um sudario,
Ou se arrastas branco veu ?
Se és um baldão da desgraça,
Se és uma virgem que passa,
Ou uma estrella do ceu ?

Eu, porém, que te compr'endo,
Que tuas magoas entendo,
De ver-te assim tenho dó !
Vagando como a Poesia,
Em doce melancolia,
Pensativa, triste, e só !...

CANÇÃO DO PESCADOR.

Triste vida a d'um marujo,
Exposto ás chuvas e aos ventos
Passa tormentos!
Canção popular.

Marinheiro já cançado,
Minha barca abandonei ;
A's ondas do mar salgado
Nunca mais m'affoitarei !

Já não tem vigor meus braços,
A minha voz rouquejou ;
Os meus remos, em pedaços,
Uma vaga dispersou !

O leme, tambem perdio
Foi, n'um grande temporal !
Houve uma enchente no rio,
E adeus aguas de crystal !

Não ha fiar nas estrellas
Quando a nuvem tolda o ceu!
Assim foi!—Que noites bellas
Aquella noite envolveu!

Quando a vida em mar de rosas
Nem um só espinho tem,
São tudo gallas formosas,
Não lembra a morte a ninguem!

Mas se um dia affrouxa o vento,
A' calma segue o tuffão,
Valei-me n'este momento,
O' Virgem da Conceição!

Barcos e redes se largam!..
Quem se atreve a navegar?
Quando as lagrimas amargam,
Que farão aguas do mar?

Depois que o pano está roto,
É quando encalha o baixel,
E o rumo larga o piloto,
Como as redeas ao corcel!

Mas inda ás vezes nos tenta
Um não sei.... que o mar nos diz,
E espreitar vai a tormenta
O pescador infeliz!!..

Da praia volve isolado
Para o tosco alvergue seu,
Quando á noite o ceu toldado
De nuvens, se escureceu,

Move o triste os debeis passos,
Caminha o pobre a scismar....
A' Virgem levanta os braços,
Murmura, depois d'orar:

Marinheiro já cançado,
Minha barca abandonei;
A's ondas do mar salgado
Nunca mais m'affoitarei !

Na bahia do Rio de Janeiro.

———

A...

—

Se alguem comprehender podesse ao menos
Os sons da lyra minha, que pranteia,
Os hymnos ferverosos da minha alma,
Que em suspiros e lagrimas se esvae!...
Um sorriso—talvez meigo sorriso,
Meu doloroso canto acompanhára,
E uma flor me pendera engrinaldada
Na c'roa dos martyrios!

A MADAMA IDA

cantando no Beneficio dos orphãos d'um Brasileiro Illustre.

Si notre âme n'est rien qu'amour et qu'harmonie,
Qu'un chant divin soit son adieux!
LAMARTINE.

O hymno inspirado, que o cysne murmura
Na beira da campa, tem mais melodia,
É como o suspiro, que á tarde se exhala
No lume saudoso do astro do dia!

Assim o teu canto sentido desatas
Soberba cantora da Italia formosa,
Na lousa da morte que regas de pranto,
Na cruz debruçada com voz lacrimosa!

Nas almas derrama funerea tristeza
O caso tremendo, que a musa pregôa;
Ao som de teus cantos, a urna da morte
Talvez n'este instante vibrando resôa!

Dos anjos o grupo não vês a teu lado,
Trazendo-te as palmas de pranto banhadas?
Não são da lisonja tributo vendido,
São nobres.... que foram por ti conquistadas!...

O genio se inflamma na grande epopeia
Da humana desgraça, em carmes de dor;
Assim no cadaver d'antigas ruinas
Desperta-se um écho, rebenta uma flor!

Incenso das almas, queimado nas aras,
Dos olhos em pranto furtivo resvala;
Co'as notas do canto, d'origem celeste,
Se casa—se enlaça—do peito s'exhala!

Cantora das margens virentes do Adda,
A palma mais bella da tua existencia
Colhestel-a hoje, que foi-te offertada
Nas candidas mãos da doce innocencia!

Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1850.

UMA ESPERANÇA.

Reçois cette larme rebelle
Que mes yeux ne peuvent cacher.
Combien sur ta corde fidèle
Mon âme, helàs ! ne versat-elle
Que tes soupirs n'ont pu sécher.
LAMARTINE.—*Meditations.*

Que saudosa despedida
A branda aragem murmura,
Com o perfume das flores,
Das aguas com a frescura !

O branco lyrio do valle,
Pendendo á margem do rio,
Candidas gallas esconde,
Buscando um ermo desvio.

Vestem sombras as collinas,
Em prantos se banha a flor,
Verte os aromas do seio
Purpurea rosa d'amór.

As avesinhas gorgeiam
Pelos ramos do salgueiro,
E na encosta acurva a fronte
O magestoso pinheiro.

As brandas aguas da fonte,
De fraga em fraga quebrando,
Com mais profundo gemido
Tristes se vão despenhando.

Hymno d'amor e saudade
No bosque e selvas resôa,
Frémito d'euros sentidos
As verdes ramas povôa.

É para o sol, que se esconde,
Ao dia que vai findar,
A despedida que a tarde
Vem mansinho murmurar.

O hymno que a natureza
Levanta na solidão,
Do dia aos ultimos raios,
No frouxo debil clarão.

Eu tambem te digo adeus,
Oh soberbo astro da luz!
Quando a despontar tu volvas
Outra esp'rança me conduz!...

Pois a flor da minha vida,
Que tão gentil floreceu,
Hoje ao tufão da desgraça
Do ramo se desprendeu!...

Janeiro de 1841.

A AUGUSTA.

Sou um peregrino, que apenas levo comigo o fardo da vida, e vago errante pelo mundo; semelhante aos *nomadas*, todo lugar é bom para arvorar ou levantar a minha tenda.

GUSTAVO PFIZER.

Não peças ao rochedo agreste, e duro,
A rosa dos jardins e da belleza,
Ao romeiro, que vaga solitario,
Um canto, que não seja de tristeza!

Parei junto da fonte, um curto instante
Arrimei-me ao bordão, orei a Deus:
E ámanhã volverei no rude trilho,
Sem vestigios deixar dos passos meus!

Vi-te sorrindo os risos da ventura,
Descuidada, innocente ao pé dos lares,
Modulando, qual cysne enamorado,
Tristes notas d'incognitos cantares!

Da c'ròa dos martyrios, que me cinge,
Cá te deixo uma flor, qu'inda restava;
É pobre, e triste, a flor, do sentimento,
Que ao romeiro da cruz acompanhava.

Por entre as ondas bravas da procella
Salvei-a dos baldões da tempestade;
Oh! prende-a na capella d'outras flores,
É pobre, mas sentida esta—*saudade!*

Se um dia pensativa, os olhos d'alma
Aos campos do passado então volveres,
Que não t'esqueça a flor do meu tormento,
Entre as rosas brilhantes dos prazeres!

Rio de Janeiro. Março de 1850.

INSCRIPÇÃO NO MAUSOLEO

DE

D. ISABEL LAEMMERT.

Se por ventura a saudade
Resgatasse a campa fria,
Nunca as tuas leves cinzas
Esta terra envolveria!

ISOLA-BELLA.

AO SR. A. N. D'A.

Ilha d'amor e mysterio,
De perfume e d'ambrosia,
¿Tu foste acaso escolhida
Para servir de guarida
Ao anjo da Poesia?

Como virgem, que se esquiva
Dos braços de audaz amante,
Zombas do mar, que na praia
Suspira, geme, e desmaia
Em perseguir-te constante!

No leito de branca areia,
Onde gentil te reclinas,
São as conchas scintillantes
Abrazados diamantes
Entre as aguas crystallinas!

No enlaçado arvoredo
Das grutas mysteriosas,
Não sei, que doces rumores
Erguem as brisas, e as flores
Pendendo voluptuosas!

¿ Em teu manto de verdura
Tens o septro d'estes mares?
Ou criou-te a natureza
Para abrigo da tristeza,
Para alivio dos pezares?

Foste um Eden primitivo
D'algum par abençoado?
Socia da sua ventura
Guardas-lhe hoje a sepultura
N'algum rochedo ignorado?

Que doce seria a historia
D'aquella doce existencia!
Aqui viver isolado,
Passar os dias amado
N'uma vida d'innocencia!

Vagar com a terna amante
Por estas praias queixosas;
Quebrar o gemer das aguas
Com alguns cantar de maguas
De trovas melodiosas!

Retratando cada arbusto,
Cada pedra, cada flor,
Um desejo—um pensamento,
As doçuras d'um momento,
Ou d'um seculo de amor!

Sentar-se sobre uma rocha,
Vendo o mar quebrar distante!
Seguir nas ondas a esteira
Da canôa aventureira,
Pelo pégo fluctuante!

Quando á noite surge a lua,
E as verdes aguas prateia,
Que doce fôra, tremendo
Ao longe desfallecendo
Ver a luz, que bruxuleia!

Apertando-a contra o peito,
Dizer á gentil amante:
—Aquella arvore saudosa,
Que sombra voluptuosa
Tem no berço verdejante!

Oh Ilha! como és ditosa!
Tudo em ti suspira amor!
A vaga, quando te beja,
E a virgem, que te deseja,
Quando te colhe uma flor!

N'uma Ilha Brasileira.

IDEAL

Á E. S. D. M. H. dos S.

Cosi potess'io ben chiuder in versi
I miei pensier, come n'el cor il chiudo.
PETRARCHA.—*Sonetos.*

Da Venus antiga, que os gregos sonhàram,
Herdaste, formosa donzella gentil,
As graças mimosas, que o mundo assombraram,
No rosto acabado, no mago perfil!

No collo de cysne d'airoso contorno,
Nos braços nevados de candida tez,
Nos longos cabellos, phantastico adorno,
Que banha-te a fronte, que inunda-te os pés,

Não tens a pureza dos sonhos divinos,
Gerados na mente, que o genio accendeu
No mármor de Paros, d'Homero nos hymnos
Sagrados no culto da lyra d'Orpheu?

Uzurpas das artes o sceptro, que póde
Crear divindades na tela immortal!
Semelhas a noite, que surge, e sacode
O manto d'estrellas n'um mar de crystal!

Descordem-se as lyras—Arrojem-se as tintas!
Estale-se o mármor—Quebrou-se o cinzel!!
Oh! não resuscita das chammas extinctas
A triste Madona, que amou Raphael!

¿ Que importa das artes o facho impotente,
Sem alma, sem vida, sem luz, sem calor,
Se tu alimentas um peito, que sente
Arder dentro d'elle um mundo de amor?!

Tu sentes, tu vives, e fallas, e choras!
Se os olhos serenos levantas p'ra Deus,
Parece que descem os anjos qu'imploras,
Trazendo-te as rosas colhidas nos céus!

Se os volves á terra n'um meigo abandono,
Vassallos os homens, tu curvas assim!
Felizes d'olharem-te erguida n'um throno,
Rainha, que imperas n'um reino sem fim!

Se vagas nas salas d'esplendidos lumes,
De branco vestida, celeste visão,
A luz, que derramas banhada em perfumes
Afrouxa dos astros o proprio clarão!

Se n'harpa chorosa preludios entôas,
Em magos suspiros de brando sentir....
Parece que a terra tu deixas.... que vôas....
Que as azas desprendes, que intentas subir!!...

Desista da empreza o audaz, que procura
Pintar-te o retrato—dizer-nos quem és!
Quem ousa encarar-te?—Sonhada ventura!
Se a fronte dos numes curvada tu vês?!

Oh! basta que passes na vida um momento,
Eterna tu ficas!—Eterna serás!
Primeiro nos queimas n'um fogo violento,
Scintilas depois n'um astro de paz!

Rio de Janeiro, 1851.

DESESPERO.

Yo que llevo el desencanto,
Fijo entreñado en la vida,
Como el dolor en la herida,
Como en la llama el calor.

Yo que volvendo á los hombres,
Por un agravio otro agravio,
Tengo la riza en mi labio
Y el llanto en el corazon.
D. José Marmol—*Cantos d'el Peregrino.*

Para que vivo eu inda sobre a terra?
Que dôr eu tenho mais para soffrer?
O abutre voraz, que est'alma afferra,
Inda fibras encontra que morder?

Sacia, ó monstro, a implacavel ira!
Crava as garras sedentas n'este peito!
A victima, arquejando, aos pés t'expira,
Rasgada a alma, o coração desfeito!

Escarneço de ti, fatal desgraça!
Levo além d'ironia o meu desprezo;
Quem do fel esgotou a negra taça,
Que faz? que espera á existencia preso?

Tem, por ventura, os infernaes arcanos,
Agonias de mais, feroz tormento?
Sorrirão nunca labios de tyrannos
A tratos de supplicio mais cruento?

Ver a turba passar—feroz o rosto,
Banhado em fel o labio convulsivo,
Com iracundo gesto e descomposto,
Soltando um grito de furor lascivo.

Sem dó pisar-me as illusões floridas,
D'amor—de gloria e juvenil idade!
Chamando as crenças fabulas mentidas!
E um nome vão a Deus e á Liberdade!

Ver a mão do gellado abatimento
Apontar para o nada da existencia!
A duvida—o descrer—e o desalento,
Manchar no rosto o anjo da innocencia!

E viver?... Para que? Hoje que espero?
Qual rochedo entre as ondas solitario
A dôr affronto, com aspecto féro,
Envolto da indiff'rença no sudario!

E' bem louco, ó desgraça, o teu empenho!
Procura esses que buscão vãs chimeras;
Nada quero do mundo—e nada tenho,
Que deixar-te sequer nas garras féras!...

Sacia, ó monstro, a implacavel ira!
Crava as garras sedentas neste peito!
A victima, arquejando, aos pés t'expira,
Rasgada a alma, o coração desfeito!

LEIRIA.

A UMA JOVEN.

Oh! viens! dans mon âme froisée
Qui saigne encor d'un mal bien grand,
Viens verser ta blanche pensée,
Comme un ruisseau dans un torrent !
A. DE MUSSET—*Poésies.*

Vão correndo teus dias docemente
Como leve barquinho em mar de rosas,
Deixando após na esteira refervente
Faiscas luminosas!

A fresca viração da tarde amena
O ondoso seio voluptuosa affaga,
Suspirando d'amor meiga e serena
Sobre o collo da vaga!

E' doce assim vagar na vida—é bello,
Pelo mar das venturas embalada
Sentir-se presa da existencia ao élo
Com cadeia dourada!

Render-lhe um culto todo o peito amante,
E qual fugaz exhalação dos ceus,
Deixar um rasto d'esplendor brilhante
Após os passos seus!

O chão reverdecer, que ufano pisa
Seu pé triumphador—calcando flores,
Que mais recendem namorando a brisa,
Que suspira d'amores!

Assim o teu viver é lago puro,
Que dorme entr'as boninas perfumado!
Oh! nunca toldem nuvens do futuro
Teu ceu desassombrado!

Rio de Janeiro, 1850.

SEGREDO.

Si te offendi en mis amores
Mujer querida, perdona !
Mas no olvidem tus rigores
Que yo siempre tendré flores
Para hacerte uma corona.

L. L. Dominguez.

Embora a lembrança
D'um riso d'esp'rança
Me traga a bonança ;
É morte o viver !
Que dentro do peito,
Em maguas desfeito,
De prantos um leito
Me rasga o soffrer !

É sorte! Mesquinho!
Vagar eu sosinho
N'um agro caminho,
Ai! sem repousar!
Da vida os desertos
Eu vêr sempre abertos
Com passos incertos
Alguem procurar!

Embora a tormenta
Nas nuvens rebenta,
Envolta cruenta
Em negros bulcões,
Nos raios, na chamma
Minh'alma s'inflamma
E solta derrama
Sentidas canções!

Aos duros rochedos
Eu conto os *segredos!*
Parece os penedos
Que vejo abrandar!
No fundo da gruta,
Que o écho sepulta,
Ao longe se escuta
Meu triste cantar!

Se a nuvem que passa,
Fugindo com graça,
Formosa adelgaça
Seu mystico veu;
Talvez *Elia* vaga
Em fórma tão maga,
E o peito me alaga
No rócio do céo!

Se acaso uma aragem,
Beijando a folhagem,
Ergueu na ramagem
Um terno gemer,
Eu corro, e procuro....
Mas volto seguro,
Em meu fado escuro,
Em trevas viver!..

Não quero já vida,
Vergontea partida,
De folhas despida
D'esp'ranças em flor;
Eu sou desgraçado,
Eu luto cançado,
Vencido do fado,
Perdido d'amor!

Assim o destino
Me arrasta—mofino!
E eu vago sem tino
Na terra a penar!
E temo—e receio
Que labios—nem seio
Respondam ao anceio
Do meu palpitar!

A MORTE

DA

SENHORA D. A. C. D'A. G.

A SEU IRMÃO

O Sr. A. V. d'A. Silveira.

Correi sobre estas flores desbotadas
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as ha murchado.
Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?
GARRETT.—*Camões.*

Aquella alma serena, como o lume
Das aras santas,
Subio de novo ao céu, para abrigar-se
De Deus ás plantas!

Não poude mais conter-lhe a essencia pura
D'argilla o vaso;
Mas parte dos perfumes, que encerrava,
Deixou, acaso.

Assim a murcha flôr, que unida ao seio
A virgem trouxe,
Conserva inda nas folhas meigo aroma,
Suave e doce.

Um dia, junto ao leito, foi pousar-lhe
O triste Archanjo;
—É tempo—cerra os olhos, e comigo
Sobe, ó anjo!

Despe o manto grosseiro, que na terra
Tu'alma veste!
Subamos para o céu, desprende as azas
De luz celeste!

Entre os anjos de Deus faltava um anjo,
E Deus te chama!
O oleo consumio-se-te da lampada,
Sobe, ó chamma!

Purificou-te a dôr da vida os dias;
Que o mundo impuro
Sempre deixa no manto da existencia
Um traço escuro!

Amaste e padeceste! Tens cumprido
Justa a missão,
Que as lagrimas resgatão do peccado
O coração!

Deus te chama — É forçoso, hade cumprir-se
O seu mandado!
Bate a hora.—Partamos.— E eu te guio
Para seu lado!

Assim fallou da morte o triste archanjo.
E Ella sorria
Por entre um véu de pranto, condensado
Na face fria!

Um raio da manhã, rompendo as nuvens
Do céu toldado,
Tambem na branca neve das campinas
Morre apagado!

Em torno os olhos sem fulgor volvendo,
Passou geladas
As brancas mãos, por entre as negras tranças
Desalinhadas.

Os convulsivos labios descerrando,
A voz já presa
Soltou, n'estas palavras d'agonia,
E de tristeza:

« Ao marco derradeiro da existencia
Cheguei, meu Deus!
Mas parte da minh'alma inda não sobe
Comigo aos céus!

Unida, presa fica aos tenros filhos,
Aqui na terra;
Nas lagrimas, que choro—na saudade,
Que me desterra!

Volve de novo ao pó meu barro inerte,
Mas alma, não!
A herança de meus filhos eu lh'a lego
No coração!

Não morre a mãe, que sente n'outras veias
Seu sangue arder;
Renasce n'outro corpo, e n'outras almas
O seu viver!

Do calis d'uma flôr, outra germina
Viçosa e bella,
Engrinaldada tem o mesmo aroma
N'uma capella. »

O beijo extremo imprime sobre o rosto
Aos filhos caros;
E os gemidos, do peito se lhe arrancão
A custo, e raros.

Até que a rosa ultima, que a febre
Medrára lenta,
Desbotou-lhe na face descorada,
E macilenta!...

Março de 1851.

INNOCENCIA.

A D. M. DO C. CASTILHO.

En la noche triste y bruna
De la vida,
La inocencia es mansa luna
Sobre un ciprés suspendida!
G. Y S.

É um livro de oiro a vida
Para os dias da innocencia.
Quantos sonhos perfumados
Tem nas folhas da existencia!

Cada dia uma grinalda
Mais lhe adorna as santas aras;
Pura fonte, d'onde manão
D'entre flores aguas claras!

Verdejante primavera,
Em que o céu é todo anil;
Em que a rosa n'alvorada
Bebe as lagrimas d'Abril.

¿Quem te não ama innocente
Saudade da meiga infancia?
Quem não sente, quando passas,
A tua doce fragrancia!

Mimosa gentil menina,
Pelo céu á vida presa!
Anjo, que tens duas c'rôas
D'innocencia e de belleza!

Não vês tu como é suave
A relva, que doce pisas?
Como lumes tem os astros,
Como tem aroma as brisas?

Tudo sorri quando fallas,
Quando choras tudo é triste!
A teus beijos adorados
Nunca a propria dôr resiste.

É um livro d'oiro a vida
Para os dias da innocencia;
Quantos sonhos perfumados
Tem nas folhas da existencia!

Rio de Janeiro—1850.

NAS VESPERAS DE PUBLICAR ESTE LIVRO.

Ao Meu Amigo

DOUTOR J. M. DE MACEDO.

Demain je quitte le rivage
Où dormit long-temps mon radeau ;
Là-bas m'attend plus d'un orage,
Plus d'un combat, quelque naufrage
Sur un banc de sable á fleur d'eau.
SAINTE-BEUVE. — *Joseph Delorme.*

Amanhã—meu pensamento,
Pobre de ti—onde irás?
Em que espinhosos silvados
As azas tu rasgarás?

Em vez de puro sacrario
Desprezo terás talvez!
Em vez de n'alma affagado
Serás tu rasgado aos pés!

Quantos olhos distrahidos
Te fitarão sem te ver,
Ave, que foges do ninho
Para voar e morrer!

Quantas vezes mal a sombra
Deixarás quando passar,
Andorinha esvoaçando
Sem ter ramo onde pousar!

Onde irás, largando as pennas,
Que com tanta dôr criei?
Que do seio, inda orvalhadas,
Soluçando as arranquei!

Nas ruinas do passado
O teu lume inda hoje arde,
Como a nuvem que s'inflamma
No crepusculo da tarde.

Ai, meu pobre pensamento,
Hoje ainda és branca vela,
Mas amanhã, naufragado,
O ludibrio da procella!

Eu da praia heide seguir-te
Com meu choro comprimido,
Quando vir por entre as vagas
O teu pavilhão perdido!

Vai, meu triste pensamento,
Meu thesouro de saudades,
Vai affrontar as tormentas,
E sorrir ás tempestades!

Mas se alguem te unir ao seio,
Se alguem te disser, chorando,
— Assim da minh'alma os prantos
Vão-me os dias esfolhando; —

Livro do meu pensamento,
Converte as letras em chammas,
Abraza-lhe então a mente
Como o peito inda m'inflammas!

Abril de 1851.

A MEU PAI.

Oh! meu pae, oh! meu pae, como a memoria
Me reflecte, alta noite, a tua imagem
Por entre um véu d'involuntario pranto!
A. HERCULANO — *Tristezas no desterro.*

Vai, meu canto!... se as lagrimas que verto
As letras apagar, com que és escripto,
Balbucia-lhe um som, ergue-lhe um grito,
A vida inteira lhe traduz n'um ai!
Beija-lhe as plantas, curva-te humilhado,
Exhala-te em suspiros, chora!... oh! chora....
Até que brilhe do perdão a aurora
Solemne e grave em lagrimas de Pai!

Diz-lhe, que esta alma, já sem brilho, e gasta,
Inda um raio conserva de pureza
Com que escreve o seu nome, e na tristeza
A inunda toda de celeste luz;
Como nos céus, por noite tormentosa,
Furtiva tibia estrella se aventura
A banhar de seu lume a face escura
D'alguma humilde solitaria cruz!

Diz-lhe que choro aquellas alegrias,
Que minha Mãi gozava—doce enleio
Como então me apertava contra o seio
N'um baptismo de beijos e d'amor!
Abrazada no fogo das caricias,
Pobre Mãi!... soluçava de contente,
Descuidada das maguas do presente,
Sem ver do mundo o prysma enganador!

Oh! se eu morresse então! se o meu destino
Fosse vôar aos céus, dos braços d'ella;
Transformado talvez em branca estrella,
Ou dos anjos irmão—seria o seu!
Condemnado a viver, lutei co'a vida,
Qual mirrhada vergontea ao sol queimada,
Sem verdor nem aromas;—açoitada
Sobre o dorso da rocha em que nasceu!

Emfim, soprou mais rija a furia insana
Da tormenta da vida!... Arrebatado
Fui da patria!... do berço!... e naufragado
Do infortunio nas vastas solidões!
Os olhos alonguei por sobre as aguas
Na cerração da noite, e já não via
A ventura, que rapida fugia
Como as ondas, em fervidos caixões!

Mas o abysmo não quiz tragar meus dias;
Cruzei o mar no exilio da orphandade,
Morto na vida—e vivo na saudade,
Que outra vida de lagrimas me deu!
Nas estrangeiras plagas hoje errante
Embrenho-me na selva escura e longa,
Caso meu canto ao grito d'Araponga,
Peito que chora, ou lyra que gemeu!...

Descubro novo mundo de prodigios!
Aqui o proprio Sol é mais brilhante,
Cada montanha um vulto de gigante
Cingida a fronte em nebuloso véu!
Mas a Patria?!.. O perfume d'essas veigas
Onde está para mim? N'estas collinas
Não recendem as candidas boninas,
Que são filhas do azul d'aquelle céu!

Aqui, fecunda o solo a tempestade!
Tem seu throno sublime a natureza!
Porem a Patria?!.. A languida tristeza
D'aquellas noites placidas d'Abril?!..
Se os olhos tem aqui onde espraiar-se;
Lá tem o coração mais doce encanto!
Vertem as fontes da belleza o pranto,
Suspira amores o enredado til!

Na Patria tem a vida mil *Memorias*
Em cada pedra ou tronco emmaranhadas;
No pendor das montanhas, nas quebradas
Da serra, que nos céus se esconde além!
Tudo recende o leite, e nos ensina
Que a vida é como a aurora incerta e vaga,
O mar, que geme agora — após esmaga!
Que os dias do passado iguais não tem!

Debalde os hei buscado! Em toda a parte
O homem vaga depois errante e triste!
Perguntando a si proprio se elle existe?
Se a gloria, se o futuro é sonho vão?
Se outros dias não podem já sorrir-lhe,
Iguaes aos que passaram de ventura?
Se tem de lhe extinguir a sepultura,
Ardendo-lhe no peito, o coração?

Só lhe responde a voz do soffrimento,
Que o martyrio da vida fez eterno;
Nas angustias d'essa alma ri-se o inferno,
Que um phantasma lhe aponta ameaçador
A *Duvida!*... que pousa-lhe no leito
Das mal dormidas noites, que se escôa
Nos intimos arcanos, e povôa
De tormentos seu peito abrazador!

Não ha para o que geme no desterro
Uma fonte sequer, que a sêde apague!
Embora da desdita o pranto alague
De fervida paixão o incendio audaz!
Frouxo lhe expira o canto, como a brisa,
Que tepida se esvae por entre o brando
Berço de seccas folhas, accordando
Do matto agreste a duvidosa paz!

Quem lhe entenda sequer um som queixoso
O miserrimo bardo em vão procura!
Com as tremulas mãos inda segura
Em balde a lyra! O tempo lhe estalou
A derradeira corda, ao raio extremo
Do sol da Patria sua! O facho ardente
Da santa inspiração arder não sente,
Que um abysmo de maguas lhe apagou!

. . . . . .
. . . . . .

Oh! meu pai, como é doce ir abrigar-nos
Ao bramir das procellas da existencia
Na saudade dos dias da innocencia,
Que o passado nas cinzas revolveu!
Se acaso alguma flor que alli desponta
Poude colher—, que aroma inda recenda,
Sobre as aras deponho, como offrenda
Do filial amor, no peito teu!

Rio de Janeiro — 1 de Novembro de 1850.

NOTAS.

Promettemos, no principio deste volume, dar ao publico uma das mimosas composições do Sr. Guido y Spano. Entre os escriptos, que d'elle possuimos, e que nós conservamos com o mais escrupuloso affecto, escolhemos—*Muger sin amor*, que não sendo das mais predilectas do poeta argentino, é, a nosso ver, uma das finas perolas da sua brilhante imaginação, e deve ser apreciada pelos nossos leitores com a mesma suave impressão, que nós sentimos, quando a lemos.—O ardor da mais valente inspiração, e o castigo severo dos mais escrupulosos preceitos da arte, casam-se admiravelmente nestes perfumados versos.

MUGER SIN AMOR.

Miradla! entre todas la hermosa descuella,
Ninguna es mas bella, gallarda y gentil,
Artista admirable, modelo cumplido....
En hielo esculpido, por diestro buril.

Miradla! su frente do el genio reposa,
Revela orgullosa, serena altivez;
Sus ojos, centellas de una alma inspirada,
En luz perfumada le inundan la tez:

Garganta de cisne, la faz nacarada,
Cintura de fada, la boca un coral,
El seno de nieve y el pié delicado,
Es sueño dorado de poetico ideal.

Do quiera su paso de silfide mueve
En torno la llueve glorioso laurel,
Y alli do sus ojos azules reposa,
Amor una rosa presenta á la infiel.

De aplausos cercada, guirnaldas la ciñen,
Por ella diz riñen garzones de pró,
Y acaso si sangre no corre, de lloro
Cada uno un tesoro, tal vez la ofreció.

Atmosfera tibia de amor la acaricia,
Que es blanda delicia sentirse adorar;
Mas dicen que nunca su pecho inconstante,
Ni amigo, ni amante llevó á suspirar.

¿ Que rayo las flores de amor te marchita,
Que espiritu agita, Señora, tu ser?
¿ Que soplo de muerte tu seno rozara
Que asi lo agostara, decaida muger?

¿ Volcan apagado de rosas vestido
Jamás encendido de nuevo serás?
¿ Acaso una horrible, maldita palabra
Que el seno te labra te dice *jamás*?....

Pasiones violentas fogosas inspira,
Quien tiene una lira la ofrece en su altar;
En tanto insensible la hermosa camina,
Cual luna argentina rielando en la mar.

Enigma! tan bella, tan joven y ardiente,
Esa alma no siente tormentos de amor!
Tormentos! ¡ que dije! sublimes delirios,
Deseados martirios, celeste dolor!

Prodigio del arte de todos querida,
El mar de la vida lo surca en quietud,
Cual sombra eminente de un genio harmonioso
Que deja el reposo del frio ataúd....

Si Amor una tumba buscára en despecho,
Te encierra en su pecho, diria al Amor;
Algun Prometeo tal vez se encontrase,
Que alli le tornase su extinto calor.

*

Es la gloria tu pasion
Muger inspirada y bella,
Ah! que no vale su estrella
Las glorias del corazon.

Laureles! que son laureles
En una frente de marmol?
Parasitas de algun arbol
Que han tumbado vientos crueles.

Las coronas que dá el mundo
Tienen espinas agudas,
Y quedan de hojas-desnudas
Del tiempo al soplo iracundo.

Há mas precio un sentimiento
Que una palma, y una gota
Del lloro que el alma brota,
Que de coronas un ciento.

¿Que es la muger que al amor
Su pura esencia no aduna?
Noche lobrega sin luna,
Sin aroma agreste flor.

Sin relampâgo una nube,
Sin verdor frigida selva,
Y porque al cielo no vuelva,
Sin alas lindo querube.

Es una urna de olvido,
Un sepulcro cincelado,
O bien laúd descordado
A um alamo suspendido.

Cuando en eliseo vergel
A la muger Dios formó,
Del hombre al lado la crió,
No á la sombra de un laurel.

Y es la gloria tu pasion,
Muger inspirada y bella!
Ah! que no vale su estrella
Las glorias del corazon.

Rio Janeiro. — Ouctubre 28 de 1850.

A UM AMIGO.

Publicando estes versos, escriptos quasi ao partir de Lisboa no Album do meu amigo Sousa Almada, não posso resistir ao desejo de transcrever aqui uma de suas lindas poesias, que será a escripta no proprio momento da minha partida, e tem por esse motivo para mim duplicado valor.

DESPEDIDA.

Ai que sinto a larga f'rida
Que te rasga o peito agora;
Não ha pranto que nest'hora
Console um triste na vida;
Nem ha canto magoado
Que revele o que a alma sente
No percorrer de repente
Desde o presente ao passado!

Ver as esp'ranças douradas
Dos nossos sonhos da infancia,
Perdidas como a fragrancia
Das florinhas desfolhadas;
Ver que o futuro tão certo
Que descantaste na lyra
Foi o sorrir da mentira,
Foi o oasis do deserto!

Oh! que amargura, meu Deus!
E não contente a desgraça
Faz-te sorver toda a taça
Deixando a patria e os teus!
Té mesmo os pobres amores
A tantos sonhos affeitos,
Coitados! — ficam sujeitos
Da sorte aos impios rigores!

Ai que dôr! que dôr tamanha!
Essa alma, que na desdita
Deixa a patria, e geme afflicta,
Não cabe na terra extranha;
Não cabe, não; se a reveste
Do ouro a enorme riqueza
Mais lembrará a pobreza
Desta patria em que nasceste!

Vai— e quando no mar largo
Sentindo crescer as maguas,
Derramares sobre as aguas
Torrentes de pranto amargo;
Recorda-te do amigo
Que por essa mesma altura
Passou na mesma amargura
Sem conforto, e sem abrigo!

Então cumpre este segredo
Que me sahe do peito ufano,
Lança a vista ao oceano
Té encontrar um rochedo (*);
É essa a patria fagueira
Que me deu o ser, a vida,
Alli tenho resumida
Quasi toda a vida inteira.

Ajoelha, ri-te, chora....
Manda um abraço na brisa
E á vaga que deslisa
Que lh'imprima um beijo implora;

(*) O Sr. Sousa Almada é filho da Ilha da Madeira. Depois d'uma viagem que fez ao Rio de Janeiro, tinha recebido em Lisboa a infausta noticia da morte de sua carinhosa mãe.

Dá-lhe tudo quanto tem
De sentimento um amigo,
E depois, a sós comtigo,
Oh! resa por minha mãe!

Que peça a Deus por seu filho
No mundo errante, e sem norte,
Para que não calle a morte
N'alma gasta e já sem brilho;
Nem soçobre sem esp'rança
Neste mar de soffrimento,
Do descrer ao desalento
Quanta vida esta alma alcança.

Vai — e quando no mar largo
Sentindo crescer as maguas
Derramares sobre as aguas
Torrentes de pranto amargo;
Recorda-te do amigo
Que por essa mesma altura
Passou na mesma amargura
Sem conforto, e sem abrigo!

A. J. de Sousa Almada.

A UM POETA DESCONHECIDO.

Entre as muitas poesias, que me tem sido offerecidas no Rio de Janeiro, e d'algumas das quaes o nome de seus autores ainda é hoje para mim um mysterioso segredo; recebi eu uns versos, vindos da cidade de S. Paulo, primeiros suspiros d'uma lyra estrangeira, que acordava seus melodiosos e gratos sons em presença desta natureza inspiradora e gigante, e m'os offerecia em prova de sympathia e amizade. Essa voz grata, mas desconhecida ainda, tinha mais d'um motivo para despertar o meu reconhecimento; pois me disserão ser d'um joven meu patricio, de 17 para 18 annos de idade, estudante em S. Paulo; alma fogosa, cheia de inspirações, de illusões e de esperanças, que tão suavemente sabe traduzir em suas deleitosas canções. Respondi-lhe então n'estes versos tambem.—Feliz de mim, se elles poderem, por ventura, exprimir toda a suave impressão, que me causarão os que me forão dedicados pelo amavel poeta desconhecido!...

A MEU PAI.

Vertem as fontes da belleza o pranto.

Alludo áquelles preciosos versos de Camões, que apezar de muito sabidos e lidos, não sei que novo prazer sentimos em repetil-os.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memorárão;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformárão:
O nome lhe puzerão, que inda dura,
Dos amores d'Ignez, que ali passárão;
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua, o nome amores.

LUZIADAS, *C. IV. E. CXXXV.*

Terminando esta publicação, eu agradeço sinceramente todas as demonstrações de sympathia, que tenho recebido no Rio de Janeiro, não só de Brasileiros, como dos meus patricios tambem. — É demasiadamente lisongeiro para mim confessar aqui a solicitude e o interesse, que um grande numero dos meus amigos tem tomado na impressão destes versos—Devo fazer neste lugar muito especial menção do Sr. Dr. A. Castilho, que mui valiosos serviços me prestou.—Desejo, pois, que chegando a Portugal estes versos, se lá for lembrado o meu nome, não seja tambem esquecido este tributo de gratidão que lhes consagro.

FIM.

INDICE

DAS POESIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

Dedicatoria ..... III.
Advertencia ..... V.
Carta do autor a D. Carlos Guido y Spano ..... VII.
Resposta á carta precedente ..... XIII.

POESIAS.

Ao deixar Portugal 1
Camões e a Patria 7
Jerusalem 9
Harpa quebrada 15
Ninguem! 17
Mysterio 21
Silencio 25
Yaiá 27
No Album da Exm. Sra. D. M. B. A. 30
Minhas illusões 32
Malmequer 36
Versos a Elisa 38
Mulher ou anjo? 40
Meditação 43
Não dormi? 47

Melancolia 49
Stambul 54
A Lucia 57
O Tronco Isolado 59
N'uma Ilha Americana 63
O Canto da Favorita 73
Não queiras o meu canto 76
Ao Sepulcro de Napoleão 78
Á Morte do Principe Imperial 83
Que vês além 88
O Naufragio 92
A Nuvem 98
A um amigo 100
A um viajante 102
A um poeta desconhecido 104
Messalina 108
A um Brasileiro que viajou em Portugal 111
Pensativa 114
Canção do Pescador 118
A 121
A Madama Ida 122
Uma esperança 124
A Augusta 127
Inscripção do mausoléo de D. I. L 129
Isola-Bella 130
Ideal 134
Desespero 137
A uma joven 140
Segredo 142
Á Morte da Sra. D. A C. d'A. G. 146
Innocencia 151
Nas vesperas de publicar este livro 154
A meu Pai 157
Notas 163

TYP. IMP. DE PAULA BRITO—1851.

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 100 932 9

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 100 932 9

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 100 932 9